



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 15.º

SABADO, 27 DE NOVEMBRO DE 1971

AVENÇA

N.º 766

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 22322

AVULSO 2\$00

UM FUTURO DE SAL PARA LOULÉ?

- ★ A população quase desconhece o que é o progresso
- ★ Mentalidade: uma fábrica sem operários
- ★ Um clima de hostilidade interna e de agressividade é a herança de um passado de comércio

A MINA abre-se. O espectáculo é do motor. O subsolo rasga-se e o futuro talvez vá começar para uma população que quase desconhece o que é o progresso, para uma população que tem vivido sempre na marginalidade da história algarvia dos últimos séculos: liberais e praça de armas no século passado, comerciantes com olhos de passarão durante todo este século.

O QUE É O SAL-GEMA...

É uma das matérias-primas mais importantes no actual tipo de civilização industrial. A outra é o enxofre.

No nosso país apenas há duas zonas mineiras em produção: Loulé e Torres Vedras. O crescimento médio da produção foi cerca de 11 000 ton. por ano e o ano de 1970 com uma taxa de 17% é um sintoma de progresso deste sector.

Dizem os técnicos que Loulé ainda não encontrou o rumo certo. Essa é pelo menos a opinião de Soares Carneiro (1).

Mas as reservas do subsolo lou-

(Conclui na 4.ª página)

O «turismo» é uma sombra: o Algarve teve sempre uma forte razão para ser uma região cobijada pelos povos. De algumas cobijas ficaram marcados sobre o chão algarvio restos étnicos bem colados à boca e ao cérebro, ficaram espectros fisionómicos como que uma brincadeira de séculos, ficaram ainda ruínas de uma civilização ora devorada pelo mar ora queimada pelo dogma e pela espada ou fogo dos godos. Julgavam os ingénios que o Algarve era apenas um cesto com meia dúzia de figos, alfarrobas e amêndoas anualmente exportado por um comboio-fêmea de cara redonda, anca folclórica e bucha das pernas a revelar o corridinho. Julgavam os delirantes que com cimento, turistas e praias povoadas se resolveriam os males de uma estrutura moribunda, de um povo cheio de apetite de emigrar, de fábricas sem peixe, de serras peladas e de cidades e vilas que dolorosamente suportam escolher a vida entre paredes de taipa ou rendas elevadíssimas. Julgavam ainda os da barriguinha alcoólica que transformando o Caldeirão num turbulo imenso a incensar «o nosso maravilhosu céu azul», «as nossas praias douradas», o nosso etc. pedagógico de décadas de miséria económica e mental, julgavam esses da barriguinha que com medronho, mariscos e bisca de paus, o tal comboio-fêmea pararia em todas as nossas estações.

Pois é dentro desta sombra que o «turismo» — partícula pequenissima e tão mal explorada do nosso grande futuro, da nossa posição no mar e no chão que calcamos tantas vezes com raiva de o morder — é dentro dessa sombrinha onde tantos conseguem descobrir cate-drais onde estão apenas hotéis e madressilvas onde estão afinal meia dúzia de cérebros cansados, é por dentro da sombra que se começa a movimentar um estranho movimento, um estranho futuro. E por sinal em Loulé. Loulé essa vila esquecida, com fama de faladora, com fama de tanta fama. Loulé não tem mar e no entanto debaixo há um sal preciosíssimo, há uma carga de progresso que mais não é se não a generosidade milenar de um ar esquecido da memória dos homens.

Janela do MUNDO

FORÇANDO O DIALOGO: ONTEM MOSCOVO, HOJE PEQUIM

A CHINA provocou outra explosão nuclear no Sinkiang poucos dias depois de ter entrado oficialmente nas Nações Unidas. Surgiram os protestos habituais dos governos, como aliás quando explosões do mesmo género têm lugar na América ou em França, mas uma verdade permaneceu de pé: o governo de Pequim detém também o poderio nuclear e já fez uma dúzia de experiências com armas deste tipo.

Devido à sua posição de forçado isolamento, a China Popular tem sido afastada de todos os organismos da ONU que trataram de ques-

(Conclui na 4.ª página)

JORNAL do ALGARVE

O NOSSO prezado colega «República» transcreveu a Nota da Redacção que há pouco inserimos sob o título «Há que sobreviver deste naufrágio».

FILTRAÇÕES

por Carlos Albino

FEITICEIROS POR AQUI...

Eis o que fica claro. Não é tentando a «adaptação» dum sistema de imprensa a outro, integrando num estado intermédio as oposições, que se pode avançar. Os algarvios mais conscientes exigem neste momento um novo sistema de referência em que se denunciem os dados deste quotidiano doloroso, destas cidades onde a acefalia já assume aspectos de divertimento folclórico, desta gente inconcebivelmente convivendo sem vida, sem amor e sem hipóteses para o pensamento desabrochar. Os algarvios mais conscientes exigem uma nova referência que arraste uma mentalidade de progresso, capte os valores autênticos e dinamize os factores ainda possíveis de dinamizar no sentido de uma cultura, de uma civilização ou melhor: de uma recultura e de uma recivilização. Eis o que fica claro.

A instituição sagrada da mesura e a abolição fatimista da crítica; décadas sucessivas identificadas ora com o insulto ora com o elogio (expressões estas que em certos sectores de origem gótica assumiram o simbolismo da única sabedoria e da única porta de saída para arranjar empregos); um Algarve de três zonas em que se podem assinalar as diferenças e os pontos comuns de curas e depurações, como se as ruas de Faro, Lagos ou Tavira, fossem habitadas por tribos primitivas; uma geografia tão lúcida mas tão espeznhada pelo formalismo e a submissão a regras que perdem de vista os elementos autênticos dos graves problemas que as populações enfrentam, versus: os gabinetes, que deste modo estão colocados numa situação de impasse...

A tarefa da Imprensa do Algarve é precisamente arrancar a história das ideias a essa fatalidade. Fatalidade, digamos, que é desejada por certos feiticeiros que, vindo cada vez mais fugir das mãos o controle da magia, movem todas as influências nas esferas sociais, no sentido de atribuir o «caos mental» à decisão da palavra, da crítica e da Imprensa que os algarvios conscientes desejam.

Como os feiticeiros influem de facto muito, daí as contradições internas da própria Imprensa...



NO 22.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTÓNIO ALEIXO UM POETA DO POVO E DO TRABALHO

por Ezequiel Ferreira

II EMIGRANTE RICO «APENAS DO QUE VIU»

NOS anos de 1919-1920 cumpriu Aleixo o serviço militar, certamente em Faro ou em Lagos. Finda a tropa, casou. E, pouco

tempo depois, ingressou na P. S. P. onde, aliás, não chegou a ganhar raízes — pois o que lá fez foi apenas saltar um homem.

A profissão de polícia não quadrava a um temperamento tão sensível e aberto à fraternidade humana, como era o de António Aleixo. Fez-se então emigrante; e, como servente de pedreiro, ei-lo a cami-

nho de França, onde permaneceu dois anos, e de onde voltou rico... «apenas do que viu».

Exilado da Pátria em busca de pão; longe da família amada, e sem as possibilidades que têm alguns emigrantes modernos de virem duas vezes por ano matar saudades à terra, Aleixo sofreu com

(Conclui na 9.ª página)

QUEM ACODE À ALDEIA DE VAQUEIROS?

por António Francisco Jerónimo

OS habitantes da freguesia de Vaqueiros, no concelho de Alcoutim, vivem na mais precária situação quanto a vias de comunicação. Um total de 23 povoações, dispersas, nas imediações, entre colinas e ribeiros não têm estrada que as sirva, estando toda aquela gente num isolamento que, creio, não terá paralelo em parte alguma do País.

Os momentos mais difíceis para esta gente, vêm na época invernal, quando têm de transportar doentes, ou mortos, havendo de recorrer a processos antigos, com os corpos sobre animais entre sacas de palha.

Estamos quase no ano 2000 e haverá quem não queira acreditar, mas é a realidade e já tem acontecido que só ao fim de três dias, quando o doente está moribundo, se lhe consegue o transporte nos moldes citados.

Nas épocas não invernosas, há povoações onde com dificuldade chegam os transportes, tendo o arranjo dos caminhos sido feito à custa do povo, de pouco poder económico, pois é gente que precisa de ganhar o seu salário para poder manter os filhos e familiares.

A única estrada de que dispõe a referida freguesia, além da da aldeia de Vaqueiros, tem uns 4 ou 5 km, com terraplenagem feita há mais de uma dúzia de anos e chega a uma povoação onde vivem três famílias e poucas mais pessoas se servem dela, sendo como um beco sem saída.

Será infelicidade de quem teve a

À saúde é a maior riqueza

PARA MANTER O EQUILIBRIO

A carne, os ovos, as gorduras e os cereais são alimentos necessários, mas quando comidos em excesso, dão resíduos ácidos que fazem mal ao organismo. O leite, as frutas e as verduras são também óptimos alimentos e concorrem para neutralizar esses resíduos.

Procure alimentar-se convenientemente, nunca se esquecendo de tomar leite e comer frutas e verduras às refeições.

Banqueiros no Algarve

NO âmbito das comemorações do 125.º aniversário do Banco de Portugal, deslocaram-se ao Algarve em visita turística, vinte governadores de importantes bancos europeus e americanos. Acompanhava-os o prof. Manuel Jacinto Nunes, vice-governador do Banco de Portugal.

A deslocação, que ocorreu no sábado passado, fez-se por via aérea.

Realiza-se amanhã um serão de música e poesia na Casa do Povo de Moncarapacho

COMO já foi noticiado, a FNAT realiza amanhã, às 21,30, na Casa do Povo de Moncarapacho, um serão de música e poesia, em que colaboram alguns dos maiores artistas portugueses, entre os quais o violinista Vasco Barbosa, e actor-declamador Manuel Lereño e os cantores João Rosa e Teresa Barbieri da Companhia Portuguesa de Opera actuando ainda a Filarmónica Moncarapachense, actualmente integrada na Casa do Povo local, e à qual, durante o serão, será prestada homenagem, por ter sido galardoada pelo Município olhanense com a medalha municipal de prata.

Proceder-se-á à leitura das poesias mais premiadas nos Jogos Florais que assinalam o V Centenário da Freguesia de Moncarapacho, e à distribuição dos prémios respectivos.

Os bilhetes podem ser solicitados à Comissão Organizadora das Comemorações do 5.º Centenário de Moncarapacho ou à Secretaria da Casa do Povo da mesma freguesia.



Os componentes da Filarmónica Lusitana Moncarapachense que amanhã será homenageada, a quando da fundação do presente agrupamento, em 1 de Dezembro de 1958.



O ALGARVE CARECE DE INFRA-ESTRUTURAS ESSENCIAIS

EMBORA a Província sulina constitua atraente cartaz turístico nacional, na sua capacidade hoteleira requintada, pela opção dos turistas pelo seu belo e temperado clima, na magnificência dos seus panoramas, sendo ponto preferido do estrangeiro que nela vem fixar residência, pelas suas fulvas e limpas praias, pela calentura das nossas águas, pela afluência do nosso povo, o certo é que, da parte do Estado, não tem aparecido aquele apoio e ajuda que seria licito esperar.

Sabendo-se como cresce progressivamente o parque automóvel na-

cional, é de pensar e concluir que o Algarve, no aspecto rodoviário e ferroviário, está divorciado do resto do País e quase se justifica, como no tempo dos nossos monarcas, como um reino à parte.

O estrangeiro continua a procurar-nos por via aérea, fazendo do aeroporto de Faro o segundo do País, em movimento e pouco se incomodará se não sair do Algarve, terra da sua simpatia e preferência. Vem para passar alguns dias de férias, em geral para um período de «relax» e não procura sair daqui, convencido de que este oásis

(Conclui na 9.ª página)

FÉRIAS e FINS DE SEMANA no ALGARVE

Reserva e informações:
RUA GONÇALO BARRETO, 1
TELEF.: 2 40 63
FARO • ALGARVE • PORTUGAL

PRIMEIRA CLASSE
Quarto com casa de banho
Chambre avec salle de bain
Room with bath room

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL

O Natal que se avizinha

COM os primeiros frios, vem às mentes o Natal-tempo, já que o outro e mais autêntico, o Natal-espírito, deveria ser lembrança de todos os momentos. Tal facto leva-nos a pensar que em breve deverá acontecer o chamado «Natal da rua». Tivemo-lo em 1970, como há anos o tivéramos. É uma iniciativa que, entrando já no caminho da tradição, não pode nem deve sofrer lacunas.

O encanto das nossas principais ruas iluminadas no nascimento de Cristo e a cidade sob a música de cunho natalício, são imagens a todos gratas.

Durante alguns anos, as obras nas ruas de Santo António e de D. Francisco Gomes («calles mayores» do burgo) ditaram uma interrupção. As actuais e excelentes condições daquelas artérias, bem como das adjacentes, são um factor impulsivo desta iniciativa. Acreditamos que as gentes do Grémio do Comércio, sob a égide da Comissão Regional de Turismo e da Câmara Municipal de Faro, dotem a capital sulina, durante a quadra natalícia do ambiente festivo que constitui o «Natal da rua».

Por várias vezes deram os Serviços Municipalizados provas autênticas do seu espírito criador, elevada capacidade técnica e sentido artístico credores de testemunhado apreço. Sabemos do muito trabalho que corre por aquele departamento concelhho, mas acreditamos também que numa conjugação de esforços e de compensações, se contará com esta colaboração fundamental.

Vale bem a pena o esforço, concretizado num serviço que à cidade e ao Algarve importa.

Promoção do Algarve na América do Norte

No Hotel D. Filipa, em Vale do Lobo, decorreu uma reunião dos directores de hotéis de luxo do Algarve, que recentemente efectuaram uma viagem promocional aos Estados Unidos da América e Canadá, com os representantes dos órgãos informativos. Presente também o sr. Celestino Matos Domingues, membro da Comissão Regional de Turismo do Algarve e representante dos Transportes Aéreos Portugueses, empresa a que se deve a iniciativa de mais esta promoção do turismo algarvio.

Pode dizer-se que a viagem resultou em pleno, abrindo excelentes perspectivas à continuidade de penetração nos mercados que pelo seu elevado índice económico, mais interessam a qualquer zona turística. Estabeleceram-se contactos, elucidou-se sobre a potencialidade da Província e tornou-se mais conhecido o Algarve.

No decurso das reuniões efectuadas em algumas das principais cidades estadunidenses e canadianas, participaram agentes de viagens, órgãos informativos e entidades ligadas ao turismo. Foi projectado o filme «Algarve», de Pascal Angot e distribuída ampla propaganda da Província meridional.

Foi portanto jornada do maior interesse, esta viagem promocional dos directores de hotéis D. Filipa, Balala, Algarve, Alvor e Penina.

DR. DIAMANTINO D. BALTAZAR
Médico Especialista
Doenças e Cirurgia
dos Rins e Vias Urinárias

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas

Consultório:
R. Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.
FARO

Telefones { Consultório 22013
Residência 24761

ECOS

Partidas e chegadas

Está a férias em Aljustrel, o nosso assinante sr. Manuel António Sebastião Palma.

Encontra-se gozando férias em Lisboa, o nosso assinante em Alcantarilha sr. José Cândido da Costa Aguiar.

Doentes

A fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, encontra-se no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, o sr. José Gonçalves Vitor, nosso assinante em Portimão.

No Hospital de S. Luís, em Lisboa, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, ali continuando internado, o nosso assinante em Vila Real de Santo António sr. Jorge Pereira Nogueira.

Farmácias DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Pontes Sequeira; amanhã, Baptista; segunda-feira, Oliveira Bomba; terça, Alexandre; quarta, Crespo Santos; quinta, Paula e sexta-feira, Almeida.

Em LAGOS, a Farmácia Silva.

Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Pinheiro; amanhã, Pinto; segunda-feira, Pinto; terça, Madeira; quarta, Confiança; quinta, Pinheiro e sexta-feira, Pinto.

Em OLHAO, hoje, a Farmácia Progresso; amanhã, Ohanense; segunda-feira, Ferro; terça, Rocha; quarta, Pacheco; quinta, Progresso e sexta-feira, Ohanense.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Oliveira Furtado; segunda-feira, Moderna; terça, Carvalho; quarta, Rosa Nunes; quinta, Dias e sexta-feira, Central.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Monteiro; terça, Dias Neves; quarta, Pereira; quinta, Monteiro e sexta-feira, Dias Neves.

Em SILVES, hoje, a Farmácia Ventura; e até sexta-feira, a Farmácia Duarte.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Franco; amanhã, Sousa; segunda-feira, Monteiro; terça, Abolin; quarta, Central; quinta, Franco e sexta-feira, Sousa.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O aceso»; amanhã, «A testemunha»; segunda-feira, «Maciste, o homem mais forte do mundo»; terça-feira, «O vale da honra».

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «A morte vem a cavalo» e «Império da silva»; amanhã, «O anormal» e «Os loucos do amor».

Em FARO, no Cinema Santo António.

A casamentos e a baptizados não vá sem ser convidado.

Mas se for leve prendas **CARAVELA** e será admirado.

CARAVELA 2
Vila Real de Santo António

“LA CIMBALI”

CAMPONOVO & CÂMARA LDA., representante das famosas máquinas de café “LA CIMBALI”, tem a honra de informar os estimados clientes e amigos que reabriu a FILIAL nesta Província, na:

Avenida 5 de Outubro, n.º 92
FARO

onde espera continuar a merecer a vossa preferência.

AGENDA

anos, natural de S. Brás de Alportel, casado com a sr.ª D. Amélia da Conceição Palma Passos.

Em CASCAIS — a sr.ª D. Maria da Conceição Neves, de 84 anos, natural de Boliqueime, mãe do sr. Manuel Maurício Lopes.

Em QUELUZ — o sr. Manuel Paiva, comerciante, natural de Silves, que deixa viúva a sr.ª D. Arminda Nunes Figueiredo Paiva.

Em LISBOA — o sr. Manuel Correia, de 79 anos, viúvo, natural de Loulé; o sr. Joaquim Guerreiro, de 59 anos, natural de Loulé, casado com a sr.ª D. Maria de Brito Rocha e pai das sr.ªs D. Helena Maria, D. Virginia Maria Rocha Guerreiro e do sr. Ludgero Rocha Guerreiro.

— a sr.ª D. Maria Laura das Dores Silva Pontes, de 47 anos, natural de Albufeira, casada com o sr. José Pontes e mãe das sr.ªs D. Maria do Nascimento da Silva Pontes Costa e D. Ana Maria da Silva Pontes e do sr. José João Silva Pontes.

— a sr.ª D. Adeline Capela do Nascimento, de 85 anos, viúva, natural de Estômbar.

— a sr.ª D. Rosa das Dores Santos, de 87 anos, viúva, natural de S. Brás de Alportel.

— o sr. Joaquim Duarte, de 73 anos, natural de Lagos casado com a sr.ª D. Adeline Rosa Duarte.

— o sr. José Pereira Palma, de 64 anos, natural de Loulé, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Neves Palma, pai da sr.ª D. Maria da Graça Neves Pereira Palma.

— a sr.ª D. Maria Dorotéia Guedes, de 65 anos, natural de Alvor, casada com o sr. Joaquim Guedes.

— a sr.ª D. Maria Fernanda, de 74 anos, viúva, natural de Estômbar (Lagos), mãe dos srs. José António Lima Bastos e Juvenal Fernandes Lima (ausente em Angola).

— a sr.ª D. Maria Amália Coelho, de 56 anos, natural de Silves.

— o sr. José da Silva Júnior, de 82 anos, natural de Alcantarilha (Silves), casado com a sr.ª D. Maria Elisa.

— a sr.ª D. Josefa dos Santos, de 75 anos, viúva, natural de Olhão, mãe da sr.ª D. Maria Rosália dos Santos Vaz e do sr. Artur Ribeiro dos Santos.

As famílias enlutadas apresenta o *Journal do Algarve*, sentidos pésames.

Lotas

De 9 a 19 de Novembro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAIINEIRAS:

Garotinho	100 280\$00
Maria Rosa	49 780\$00
Liberta	49 380\$00
Refrega	45 900\$00
Lesta	44 210\$00
Conceicanita	38 900\$00
Prateada	35 290\$00
Diamante	34 050\$00
Sul	19 580\$00
Norte	16 100\$00
Infante	14 950\$00
Fóvia do Guadiana	14 830\$00
Audaz	14 200\$00
Flor do Sul	13 030\$00
Leste	8 900\$00
Vivinha	6 450\$00

Total 508 820\$00

Necrologia

D. Dulce da Encarnação Valentim

Em Alvor, onde residia faleceu a sr.ª D. Dulce da Encarnação Valentim, de 78 anos, viúva, professora oficial aposentada, natural de Portimão. Era mãe das sr.ªs D. Catarina da Encarnação da Glória, D. Maria Leilida da Glória e D. Virginia Dulce da Glória e mãe adoptiva do sr. Fernando do Carmo Malveiro, também residente em Alvor.

TAMBÉM FALECERAM:

Em TAVIRA — a sr.ª D. Mariana Sofia de Pádua Cruz, de 98 anos, natural de Faro, mãe das sr.ªs D. Vanda Pádua Cruz Ramos Passos e D. Maria Teresa de Pádua Cruz Bento Silva e do sr. João de Pádua Cruz.

— o sr. Paulino André Lopes, de 85 anos, viúvo, dali natural, pai do sr. António Pinho.

— a sr.ª D. Maria Virginia Costa, de 80 anos, viúva, mãe dos srs. Joaquim Fernandes Campina e José Francisco Campina, sogra da sr.ª D. Almerinda Lopes Campina e avó da sr.ª D. Maria Cid Campina Viegas e do sr. Dionísio Viegas.

— a sr.ª D. Hermínia do Livramento, de 80 anos, viúva, natural da Luz de Tavira, mãe do sr. Sebastião Páscoa, soldado da Guarda Fiscal.

Em SANTA BARBARA DE NEXE — o sr. Francisco Dias Afonso, de 82 anos, viúvo, proprietário, residente no sítio da Alfaca.

Em QUARTEIRA — o sr. José Costa que durante muitos anos foi comerciante naquela vila. Era pai das sr.ªs D. Sara da Encarnação Costa Cipriano e D. Ana Paula Costa Maurício, e sogro dos srs. António Rodrigues Cipriano e Jaime dos Reis Maurício.

Em SANTO ANTÓNIO DO ESTORIL — o sr. João dos Santos, de 61 anos, natural de São Bartolomeu de Messines, que deixa viúva a sr.ª D. Maria Inácia Cravinho dos Santos e era pai do sr. Joaquim Cravinho dos Santos.

Na AMADORA — o sr. Virgílio da Conceição Cyrilo Grade, natural de Faro, motorista, casado com a sr.ª D. Delfina da Conceição Pinto Grade.

— o sr. José Custódio Passos, de 79

Júlio Sancho

MEDICO-RADIOLOGISTA

Radiodiagnóstico
Roentgenoterapia

Rua Castilho, 37 — Tel. 22644

FARO

Aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais é conhecido o preço de policlínica nos exames radiológicos a título particular.

Precisa-se Motorista

Com carta profissional de ligeiros, com conhecimentos comerciais e que conheça a província do Algarve, para distribuição e trabalhos da Recauchutagem Leopoldo.

Dirigir respostas a RECAUCHUTAGEM LEOPOLDO — CASTELO BRANCO.

De 18 a 24 de Novembro

OLHÃO

TRAIINEIRAS:

Estrela do Sul	74 500\$00
Nova Clarinha	72 890\$00
Iiha do Sonho	72 080\$00
Amazona	67 870\$00
Costa Azul	57 340\$00
Princesa do Sul	57 250\$00
Agadão	40 180\$00
Nova Sr.ª da Piedade	39 900\$00
Lurdinhas	36 890\$00
Vandinha	33 790\$00
Noroeste	31 060\$00
Fernando José	30 910\$00
Liberta	28 300\$00
Nova Esperança	18 650\$00
Restauração	18 030\$00
Pérola Algarvia	13 600\$00
Brisa	11 400\$00
Conceicanita	10 900\$00
Lena	10 510\$00
Portugal 5.º	10 400\$00
Sardinha	10 000\$00
Mirita	5 400\$00
Portugal 4.º	4 200\$00
Alvarito	1 650\$00

Total 754 100\$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 16 a 23 de Novembro

QUARTEIRA

Artes diversas 275 565\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

De 17 a 23 de Novembro

PORTIMÃO

TRAIINEIRAS:

S. Carlos	86 700\$00
Lena	57 700\$00
Senhora do Cais	44 000\$00
Vulcânica	34 000\$00
Fraia Trê Irmãos	22 890\$00
Anjo da Guarda	21 500\$00
Portugal 5.º	21 350\$00
Sol	19 800\$00
Alvarito	18 450\$00
Ponta do Lador	15 710\$00
Marimheira	13 100\$00
Mirita	11 650\$00
Portimão 1.º	8 450\$00
Milita	7 400\$00
Lua	7 250\$00
Sardinha	5 730\$00
Portugal 7.º	5 600\$00
Fóvia	2 050\$00
Septimnia	1 950\$00
Fraia Morena	1 950\$00
La Rose	1 660\$00

Total 407 890\$00

MOTORES INTERNATIONAL

De 18 a 24 de Novembro

LAGOS

TRAIINEIRAS:

Gracinha	21 580\$00
Sagres	9 480\$00
Costa de Ouro	6 980\$00
Brisamar	3 500\$00
Milita	2 530\$00
Bala de Lagos	2 190\$00
Zavial	890\$00

Total 47 130\$00

Mandarete

Precisa-se para escritório e fábrica. Resposta ao n.º 14 830.

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN

EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA.
ACEITAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

Pescarias Reunidas-Pesca Sul, S. A. R. L. PORTIMÃO

1.ª Convocatória

É convocada a assembleia geral da Sociedade Pescarias Reunidas — Pesca Sul, S. A. R. L., a reunir na sede provisória, na Rua Júdice Fialho, n.º 23, 1.º andar, na cidade de Portimão, no dia 4 de Dezembro de 1971, pelas 17 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição da mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

Portimão, 10 de Novembro de 1971

O Conselho de Administração,
Reinaldo Pereira de Assunção
Dr. José Joaquim Lopes de Figueiredo Luís

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro ANÚNCIO

Para conhecimento dos interessados, informa-se que, a partir do próximo dia 6 de DEZEMBRO, todos os beneficiários residentes na área de Monte Gordo, passam a ser assistidos no Posto Clínico daquela localidade, sito na Rua Tristão Vaz Teixeira, n.º 8, com o telefone n.º 2 252.

Faro, 23 de Novembro de 1971.
A DIRECÇÃO

a carta

10

ALDEGUNDES FOTOGRAFOU

Ex.^{mo} Sr.

Mesmo ainda que certa gente de menor importância neste mundo ande por aí a dizer que eu sou produto da sociedade algarvia de consumo (má língua...) eu continuo cá na minha: escrevo para exercer o meu direito de voto como mulher. Hoje ainda não envio nenhum texto literário (pois tenho que pensá-lo muito bem para contrabalançar com o Rocambole aí do sítio) mas peço a V. Ex.^a que me publique esta fotografia que tirei em Paris num bairro que tem o nome de Faro-ville onde vivi dentro de um hotel enorme feito de bidons e construído em Paris com os lucros de umas casas alugadas ali no S. Luís. Tirei a fotografia do Claude da Xica (que é este homem de barbas bem compostas, mais o Francisco das Arcadas (que teve fama de contestatário em Salir mas hoje não passa de um contestador em Porches) e o outro lá de trás é mistério. E de Portimão e por isso não me atrevo. E o dizes!



Claude da Xica, Francisco e... quem de Portimão?

Aldegundes Casanova

NA TAL PÁGINA...

O real na poesia de Santos Stockler

por Amândio César

Encontrar-se-á o velo lírico deste poeta se procurarmos a sua estrela polar nos movimentos de renovação literária que vicejaram num período incerto que é aquele que medeia entre duas guerras: a de Espanha e a que começou em 1939. Efectivamente é nessa década que Santos Stockler surge como poeta, distinguido em pleitos literários. E aí que ele se afirma individualmente, para adiante começar a dar forma à sua poesia em volume. A distância entre um facto e outro pode parecer muito longa. Realmente não o é. Neste intervalo, a poesia não sacrificou o seu cunho humano e as coisas e os homens não mudaram tanto que fosse necessário ao escritor alterar o rumo da sua bússola literária.

Situemo-lo no neo-realismo. E nisso ele estará diferenciado de tudo o que a sua terra deu ao grande público, no plano literário. De resto, deve notar-se que, à parte um ou outro caso esporádico, o neo-realismo dos anos trinta é quarenta, fez um apelo profundo à exploração temática do ruralismo e do regionalismo. Basta passar uma vista de olhos pelas laudas do «Novo Cancioneiro»: Namora, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Francisco José Tenreiro — ou seja: os melhores — indicaram e testemunharam a linha. O resto... velo por acréscimo. Mesmo a temática marítima era ainda um reflexo do subdesenvolvimento das nossas gentes do mar, num regionalismo de permeabilidade rural.

Nesse plano, Santos Stockler prolonga até nossos dias um certo humanitarismo gratuito, que os seus pares aceitarão, gratuitamente, mas que os poetas ou ensaístas, ligados ao espírito e à letra da «praxis», certamente poderão contestar. Porque aquilo que está em «Jardins de Outono» é essa autenticidade da arte de protesto dos anos trinta e quarenta que se perdeu na sua essencialidade. E essa comunhão com o homem factor comum de todas as coisas, que haveria de ser negado, no apelo ao homem engajado para fins diferentes que não sejam os determinados por orientações discutíveis. E, finalmente, a contestação gratuita — por isso válida — ao quotidiano, porque o quotidiano é uma negativa aos fins supremos ou superiores desse homem ideal que reside na imaginação ou na sensibilidade do poeta.

Escritor, acontecido algarvio, na sua poesia não está o êxtase paisagístico nem o sensualismo bucólico que fizeram grande e dimensionada, ao aprazimento de seus pares, a poesia que o antecedeu. Tudo isso passou porque essa poesia, ainda que pessoalíssima, abusava disso mesmo: o indivíduo a impor-se ao homem. Ao passo que nestes e noutros poemas de Santos Stockler o que sucede é o homem a incorporar-se no seu mundo poético, no seu «habitat» lírico e, aí, expressar a sua arte, como porta-voz dos anseios próprios e alheios. Desta ponto de partida poderemos compreender a estranha amargura que ressumam estes poetas, onde a ironia é a arma de que o homem dispõe para afirmar o poeta.

Não é poesia de descontento aquela que se patenteia em «Jardins de Outono». Mas é poesia substancialmente diferente e afirmadamente independente de coordenadas que outros trilharam. Ele, um só, clamando pelas vozes mudas de sua terra e de sua gente. Aí a autenticidade a que fiz referência. Aí a maior valia deste lirismo que não é circunstancial, por nunca ser circunstancial aquilo que é, profundamente, pessoal e humano, nessa personificação. E o lirismo de Santos Stockler é, antes de mais nada, a afirmação sem reticências do próprio poeta que, por sua vez, é uma afirmativa do homem que está ou reside na sua arte literária, antes do poeta.

Eis o conjunto de opiniões ou de valores que me foi dado observar neste último livro de Santos Stockler, continuação de outros livros e de outras poesias a darem expressão total ao que aqui fica expresso. Em tempo de poesia desumanizada esta afirmação pura de humanidade; em tempo de negações várias, esta contestação em nome do valor mais que é o homem, ainda que todos o neguem e traiam. Desta adição nasceu a temática geral de Santos Stockler. Desta temática geral colheu o escritor, agora, mais uma faceta, por certo a mais profunda por ser a mais humana.

(in «Jornal de Letras» n.º 254, Out. 71 (Brasil))

HOLROYD

Redutores de velocidade até 400 C. V.

O MAIS COMPLETO STOCK DO MERCADO

HARKER, SUMNER & C.^a L.^{da}

38, Rua de Ceuta, 48 14, Largo Corpo Santo, 18

PORTO

LISBOA

CASCAIS — JAZZ ?

1) Duma condição social objectiva, a repressão rática praticada na pessoa do povo negro, explodiu uma forma musical que traduz esse subdesenvolvimento coercivo e, hoje em dia, essa marginalidade agressiva. Da escravidão com os «blues» aos Black Pauthers com o «free».

2) Em face dessa inerência vida-música, o Jazz nunca foi um acto de comercialidade nem uma forma de estatismo. Quando algum dos dados a dicotomia acontece implica, por definição, a não-existência de Jazz; pode haver tudo, menos Jazz.

3) Em Cascais quem, por que se afirma adepto da música dos «ghettos», não devia, aniquilou um festival e comprometeu irremediavelmente o Jazz no país — Luís Villas-Boas. Foi linear, isto é, um mero somatório de tudo quanto se opõe à forma musical em causa: Jazz (?) + Turismo de Inverno na Costa do Sol (SEIT, Junta de Turismo, Cascais, etc.) + Miles Davis, o mito prostituído + Giants caquéticos e caquetizados + A Fauna (a linha e as avenidas novas hot-pants e maxi-qualquer-coisa-nada) + 100.00 (fim-de-semana mínimo para o operário nacional) + Comércio descarado + + (?) inexistência do Jazz actual forma de combate na rua.

4) Em Cascais Miles Davis — a supervedeta superconvencida e vendida; Keith Jarrett no órgão é de longe, mas mesmo muito de longe, superior ao mito; ele é «free», o deus de pés-de-barro é lama.

Em Cascais Ornette Coleman — a representação exacta do que os músicos americanos entendem por «free Jazz», ou seja, uma estridência sonora subversiva directamente reconduzível à tradição; uma linguagem rica e colorida, mas permanentemente agressiva; Ornette no violino sinónimo de explosão; Charlie Hayden no baixo ficou como o melhor solo do festival; no todo um grupo disciplinado que se institui coerente ao nível da tradução em som duma ideologia assimilada e activada.

Em Cascais Phil Woods — o Jazz europeu no caminho da eletrónica; uma European Rhythm Machine símbolo duma unidade de proposta-execução perfeitamente integrada e consciente; a introdução do elemento violência sempre que surgiam laivos de lirismo — a ruptura significativa.

Em Cascais Giants of Jazz — seis velhas glórias auto-convencidas da sua inutilidade actual; Mouk perdido no meio do reacçãoismo sem saber como se libertar, uma sombra; um Jazz de Broadway que convenceu o público ignorante, mas não nos disse absolutamente nada; decididamente Parker está ultrapassado.

Em Cascais Dexter Gordon — «The Shadow of Your Smile» ou «Autumn Leaves» exemplos dum romantismo de lua cheia que melancolizaram (?) muita gente, mas nunca quem sabe algo de Jazz; a boa execução não é tudo; aqui Marcos Resende como sempre a principiar bem e a nunca saber acabar, lamentável.

Em Cascais The Bridge — o antijazz; de como o pretensiosismo não chega, embora sobre; Kevin Bellington um zero à direita (diretíssima).

Em Cascais a ausência de Big Joe Turner.

5) Já se diz que para o ano há mais, agora três dias: 11, 12 e 13 de Novembro de 1972. Para quê? Para mais um somatório? Para substituírem mais o Jazz? Sheep, Sun Ra, Alan Silva? Não batam mais na justiça.

Joaquim Pedro Tavares

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA

Estrada da Penha

FARO

De um algarvio em Lisboa

Corre por aí um conceito de certo modo errado, acerca do tão cobijado sol algarvio. E ele é flagrante aqui em Lisboa, quando o Inverno faz a sua gélida entrada e as pessoas recordam, pesarosas, o prolongado Verão que passou, muitas com a falsa ideia de que o Algarve é um paraíso, um oásis de mar e sol. E teima-se em falar apenas de turismo, daquela empresa onde existe um lugar para todos e da outra, a grande cidade a desabrochar, nos grandes hotéis, nos blocos residenciais que vão surgindo em impressionante cavalgada, no golfe e nas boites, numa imensidão de tentadores atributos com que se procura caracterizar o Algarve. Esta é porém uma visão parcial e que não define a realidade da provincia mais falada de Portugal.

Esquece-se, por exemplo, que nem só de turismo vive o povo algarvio e que esse turismo não serve uma população que ainda tem muito para alcançar. Pretenderemos que haverá uma sociedade para todos, quando a emigração absorve uma grande massa de braços necessários ao desenvolvimento, quando a rede de escolas é reduzida e com instalações péssimamente apetrechadas, quando a educação ainda ao nível secundário não chega a todos os que a ela aspiram? Poderemos falar de turismo quando uma grande parte da população não pode chegar aos preços que esse turismo fez subir portentosamente?

Para além dos slogans publicitários e de baixo do mesmo brilhante sol, existem dois Algarves a considerar, o que é importante não esquecer.

Lisboa, 16-11-71

António Manuel N. R. Mendes

Precisa-se Encarregada

A partir de Janeiro/72 para uma Boutique em Albufeira.

Essencial saber inglês. Responder somente por escrito, dando referências, para Boutique Finnigan — Hotel Sol e Mar — Albufeira-Algarve.

Para esses miúdos todos de Albufeira História da água que abraçou o sol

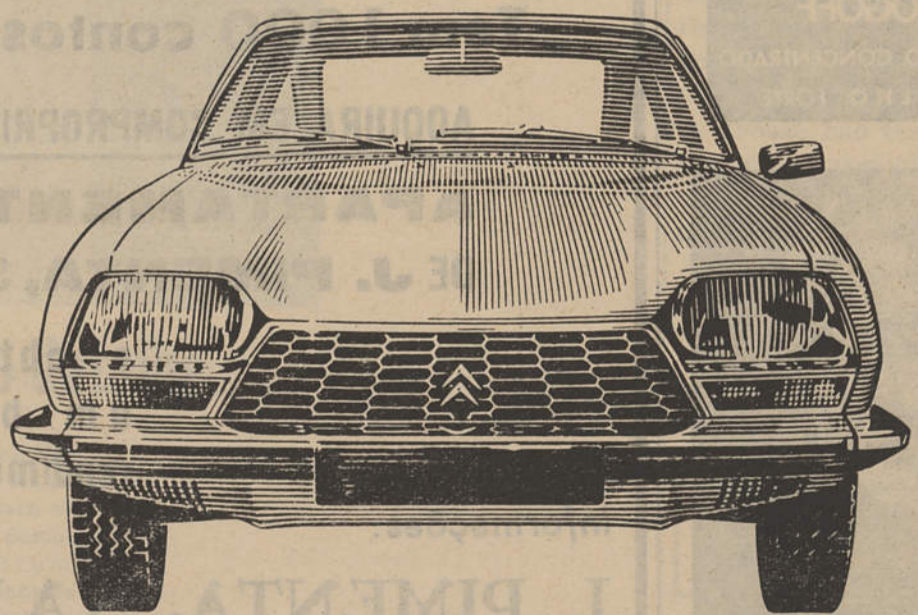
a água
todos os dias olhava para o sol,
estavam muito longe e não podiam falar,
o sol inventou a luz:
para que a água abrisse os olhos.
e em cada olho da água
surgiu um mar, dois mares, doces como uma banana
e em cada olho
surgiu um abraço entre os peixes, as pedras e os homens
mas a água continuava longe do sol
e muitas vezes chorava quando alguém a empurrava de costas
para muito mais longe do sol.
até que um dia
o sol
ofereceu um bolo à Lua e a beijou de luz
e a lua
que até aí não sabia que era lua, dormia
e enquanto dormia
julgava que era uma maçã pintada de branco
ou uma boneca aos pés da cama da terra
e afinal
era uma boca cheia de fome a andar lá em cima, lá em cima
o sol deu-lhe um bolo
carne
fruta
e salada
e a lua puxou nos braços a água e fê-la chegar ao sol
assim
durante muito tempo
a água e o sol morriam a cantar abraçando-se.
como uma cenoura numa boca revolta
modificaram muitas coisas pela história,
os homens viram aquilo tudo.

Carlos Albino

QUANDO O SILÊNCIO CANTA

Hoje falo em nome dos homens
que não têm vozFalo em nome dos homens
que dia a dia choram
a acromiada terra Dos homens que hoje
amanhecendo amanham
o solo alheio o chão duríssimoEm nome destes homens falo
Dos homens que não têm voz
dos homens que resistem ao silêncio
no silêncioFalo Falo com a minha voz de cardos
a minha voz de terra E falando
é como se dissesse das suas dores
das suas revoltas Falando
é como se as suas vozes
num coro enorme se juntassemFalo E falando
com a minha voz de trigo
é como se essas bocas de silêncio
súbitamente cantassem

M. Sequeira Afonso

FESTIVAL
GS7 prémios internacionais
O CARRO DO ANO

CITROËN ^ GS

auto gharb

DE

SOUSA E SILVA & BAPTISTA, LDA.

RUA DO ALPORTEL, 119 A 123-A TELEFS: 23071/72/73

FARO

COMUNICADO

A FACIMENTO, de Augusto F. Nunes
Largo da Feira, em Pêra



Comunica a todos os seus estimados clientes que, continuando com os seus fabricos de Grelhagens e Cabeças de Chaminés tipo algarvio, resolveu abrir uma nova sucursal, com todos os materiais de construção, como azulejos, louças sanitárias, drogas, ferragens, etc., na Rua Martinho Simões, 29, em Armação de Pêra, onde conta satisfazer os desejos de toda a sua estimada clientela.

Um futuro de sal para Loulé?

(Conclusão da 1.ª página)

letano são de uns centos de milhões de toneladas. Um peso importante para o futuro do nosso País. Um futuro que não se pode desperdiçar nem boicotar em Loulé.

SOARES CARNEIRO: «Espera-se melhores dias para Loulé»

Muitas coisas estão mal: é o começo ainda de uma actividade com que em Loulé não se contava. Nem em Loulé, nem no Algarve. O fascínio da «sombra turística» fechou os olhos a muita gente responsável. No meio desta surpresa Soares Carneiro, que é o director-geral de Minas e Serviços Geológicos, constatou a verdade: Loulé «não acertou o passo com o mercado, não planeou devidamente o seu futuro. Tem vivido em clima de incerteza, de insegurança. E mais «não estamos certos de que, tão afastado dos grandes centros de consumo, o aproveitamento de todo o jazigo de Loulé pela via do arranque e extração do sal seja o mais indicado. Talvez não fosse de pôr totalmente de parte a colaboração do calor solar para a evaporação do rica salmoura. E no quente Algarve a sua colaboração será sempre preciosa».

UM CHOQUE COM A TRADIÇÃO COMERCIAL

O sal-gema choca a tradição comercial de Loulé. Habitados ao pequeno balcão, à distribuição de objectos em redor e ao lucro fácil, rotineiro e cómodo, uma posição «estratégica» no Algarve, os louletanos talvez não estejam preparados para o trabalho nas minas. A mentalidade por ali tem sido uma fábrica sem operários e muito dificilmente deixará de discriminar os mineiros.

Será de facto um choque para a mentalidade tudo o que é consequência de uma grande mina em plena vida.

A letargia e a hostilidade interna têm sido o binómio de uma vila cheia de brío; letargia do povo que tem medo de lutar pelo seu progresso e hostilidade interna nos quadros dirigentes. Os exemplos

da letargia vêm de longe. Os da hostilidade vêm do horizonte de todos os dias: em Loulé raramente uma equipa terá conseguido fazer alguma coisa em profundidade. Na associação, no festim, no desporto, na cultura: ou um ou todos uns contra os outros.

É uma herança de um passado cheio de comércio, de segredos de balcão, de concorrência porta a porta, de inimizades caladas.

Perguntamos: um futuro de sal para Loulé? A pergunta é sibilina, é ambígua. Porque o único sal que existe não é o do subsolo. Há outro, amargo, que não se pesa em toneladas nem cuja produção se avalia em milhares de contos. Há outro sal que escapa aos tecnocratas, aos políticos da redoma ao pescoço no enterro da esperança e na decomposição das coisas emancipadas.

Um futuro de sal para Loulé?

C. A.

(1) «Potencialidades Minerais da Metrópole», Lisboa 1971.

Pontes Eusébio

Médico especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diárias depois das 15 horas

Cons. — Rua de Santo António n.º 68 — 1.º Dt.º

Telef. { Cons. 23133
Resid. 24253

Res. — Av. de Olivença, 97-5.º Esq.

F A B O

Casa mobilada

Tenho para alugar em Faro, muito em conta.

Trata na Rua Sebastião Tellez, 6 — Faro.

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

tões de interesse mundial, incluindo as do desarmamento. Agora, porém, está a processar-se uma apressada revisão de ordem política, numa tentativa para justificar esse esquecimento. E além de ter tomado lugar já na sede da ONU, Pequim vai ingressar nas respectivas comissões, como já foi admitida na Organização Internacional do Trabalho.

Entretanto, o seu primeiro discurso nas Nações Unidas foi para pedir a saída dos americanos da Indochina e das bases em territórios estrangeiros, demonstrando desde o início que a sua presença não será teórica nem abstracta.

Hoje, já ninguém duvida da importância mundial da China, principalmente como força ideológica e militar, e que ela ocupou o lugar que ainda há dez anos pertencia à União Soviética, no que respeita ao confronto com o resto do mundo, sobretudo em relação ao Ocidente. No entanto, o regime de Moscovo entrou, lentamente, no convívio internacional, apesar das divergências políticas com numerosos países e o diálogo tornou-se possível e até amigável.

Esta transformação levou anos e foi devida a uma abertura cada vez maior de parte a parte, principalmente quando já não era possível isolar a U. R. S. S. da convivência com os outros povos e quando estes verificaram que não se justificava a velha versão de que «os russos comiam crianças». Ou se as «comiam» era já com requintes capitalistas...

E a história repete-se, só que os comilões e os monstros são amarelos e têm os olhos em amêndoa, até que as circunstâncias políticas se modificarem, ou que surja outro flagelo num diferente ponto do globo.

Teremos de concluir de toda esta evolução que um diálogo à escala internacional, sem qualquer discriminação ideológica, deve ser lançado à sombra da ONU, mas abertamente, sem preconceitos nem armas na mão. Pois se há barreiras que dividem os povos, há muitos interesses que os unem. O que é necessário é lançar de vez para o lado todas as ideias feitas e derrotistas, contrárias a qualquer espécie de diálogo e de convivência. Os governos, como os homens, precisam de ter um mínimo de confiança para conseguir estabelecer relações de amizade. Mas isso apenas pode suceder numa atmosfera de entendimento. — Mateus Boaventura

Agenda do contribuinte

DEZEMBRO

Imposto Complementar — Secção B — 1970 — Este imposto deverá ser pago durante o mês de Dezembro, do ano seguinte àquele a que respeita.

Não sendo pago no mês do vencimento, começarão a correr juros de mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que tenha sido feito o respectivo pagamento, haverá procedimento executivo.

Ministério das Obras Públicas Junta Autónoma de Estradas

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONSTRUÇÃO, CONSERVAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE AUTO-ESTRADAS, NA EXTENSÃO APROXIMADA DE 358 KM, EM REGIME DE CONCESSÃO

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado.

— LOCAL E DATA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: na sede da Junta Autónoma de Estradas, no dia 8 de Fevereiro de 1972, às 10 horas, terminando o prazo de apresentação de propostas no dia anterior, às 16 horas.

— CAUÇÃO PROVISÓRIA: 20 000 000\$00.

O processo de concurso está patente no Gabinete de Estudos e Planeamento da Junta Autónoma de Estradas, sito na Avenida D. Carlos I, 42-5.º, em Lisboa, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podendo os interessados obter, naquele local, cópias de documentos relacionados com o concurso nas condições estabelecidas no Caderno de Encargos.

Junta Autónoma de Estradas, 22 de Novembro de 1971.

O PRESIDENTE

MANUEL DUARTE GASPAR



Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo do Notário: Lic. José Manuel Cabral de Matos Oliveira

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Agosto de 1971, lavrada de fls. 31 a fls. 33 do livro de notas para escrituras diversas foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Frederick James Rourke & C.ª Lda.» tem a sua sede na R. D. Francisco de Almeida, da Praia de Monte-Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e durará por tempo indeterminado com início na data de hoje.

2.º — O seu objecto consistirá na exploração do comércio

de «Restaurante», podendo explorar qualquer outro ramo de comércio em que os sócios acordem e não esteja sujeito a autorização especial.

3.º — O capital social é de 50 000\$00, integralmente realizado e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: duas de 20 000\$00 cada uma, dos sócios, Frederick James Rourke e Diana Hamilton e duas de 5 000\$00 cada uma dos sócios John Sharp e Judith Mary Sharp. As quotas dos sócios Frederick James Rourke e Diana Hamilton são realizadas pela entrada para a sociedade do seu estabelecimento de restaurante, denominado «Monte-Sol», situado na Rua D. Francisco de Almeida, da Praia de Monte-Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, e que na mesma sociedade põem em comum, com o valor de quarenta mil escudos. As quotas dos sócios John Sharp e Judith Mary Sharp são realizadas em dinheiro que já deu entrada na caixa social.

4.º — A representação da sociedade fica a cargo de todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução nem retribuição.

§ único — A sociedade obriga-se com a intervenção de dois gerentes sendo um deles qualquer dos gerentes Frederick James Rourke e Diana Hamilton.

5.º — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade.

6.º — Por morte ou interdição de qualquer sócio, os herdeiros ou representantes deste, nomearão um dentre eles que a todos represente enquanto a quota se mantiver indivisa, podendo ela ser livremente dividida entre os herdeiros do sócio.

7.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de oito dias, indicando sempre o assunto a tratar.

Está conforme.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, vinte e seis de Novembro de mil novecentos e setenta e um.

O Ajudante,

Manuel Clemente

Olhão, moda Outono-Inverno

TUDO o que seja valorização merece o nosso melhor interesse e carinho. Tudo o que represente actividade em Olhão e com reflexos na vila, deve constituir ponto de referência. Pois a Vila Cubista foi numa destas noites, ponto de encontro da moda (masculina e feminina) para Outono-Inverno. Digam-se desde já que todas as criações apresentadas o foram sob o signo do «dia a dia», que o mesmo é dizer para vestir gente que tem de ir para o escritório, a escola, a fábrica, o café, o mercado, em suma, desenvolver o dia de cada qual. Nota positiva, francamente positiva, o que constitui o primeiro e merecido aplauso para Pires (Teófilo — Confecções), que no Clube Recreativo Olhanense (ex-Grémio) promoveu este desfile de moda tão grato às senhoras (e aos muitos homens) que enchiam o salão. E é curioso referir que não vimos apenas gente da terra, mas de outros pontos do Algarve, escolhendo Olhão como local de encontro.

Com sobriedade e esboço dire, Américo Rodrigues Afonso, apresentou o desfile. E numa perfeita conjugação de música, luz e cor, numa unidade de esforços, foram passando as sete dezenas de criações. E foi uma revelação (talvez a grande revelação da noite) a dignidade (sim, a dignidade) com que a Fátima, a Bela, a Carla, a Tina, o Jorge, o Ventura, o Fernando e o Júlio passaram ante o público. Aceno de sim-

Maria Armada

VINHOS PARA ENTREGA NO ESTRANGEIRO

Costa Pina & Vilaverde, Lda.

A GARRAFEIRA MAIS BEM SORTIDA DE PORTUGAL

PORTO

ESCRITÓRIOS:

R. Bonjardim, 420 — Telfs. 32228, 26562, 24943, 35221 e 37222

ARMAZENS:

R. Estação (a Campanhã) Telfs. 57396 e 57398

R. Almeiriga — Perafita — Leça da Palmeira — Tel. 930782

COIMBRA FARO

SETÚBAL

R. Oleiros 16/18 Largo do Mercado 40 R. Jorge Sousa — Lote I

Tel. 27489 Tel. 24060 e 23664 Tel. 26548

Tem a honra de informar que se encontra, desde já, apta, a fazer entregar no estrangeiro a melhor gama de Vinhos do Porto, de Mesa e da Madeira, pelo que aguarda que as prezadas ordens da sua selecta clientela lhe sejam confiadas com a maior antecedência possível, por forma a garantir que todas as entregas se efectuem aos respectivos destinatários, como convém, antes das Festas de Natal.

Países onde, nomeadamente, essas entregas poderão fazer-se: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Holanda, Irlanda do Sul, Suíça e outros.

PILULAS DE
ALHO

ROGOFF

EXTRACTO CONCENTRADO
DE ALHO FORTE



CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR:

M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Occidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS

FRASCO COM 180 PILULAS

Representantes para Portugal:

CREFAR — R. DA MADALENA, 171-2.º — LISBOA

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1000 contos?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE

APARTAMENTOS
DE J. PIMENTA, S.A.R.L.

e obterá
um bom
rendimento

Informações:

J. PIMENTA, S.A.R.L.

L I S B O A: Praça Marquês de Pombal, 15

Telef. 45843 - 47843

QUELUZ: EDIFÍCIO SEDE: R. António Enes, 25

Telef. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades:

CASCAIS • PAÇO DE ARCOS • LISBOA
REBOLEIRA

LACOBEL

Sociedade Industrial de Pavimentos, Materiais e Construções, Lda.

Certifico que, por escritura de 20 de Outubro de 1971, lavrada de fl. 36 v.º a fl. 39 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 45-B do Cartório Notarial de Lagos, a cargo da notária licenciada em Direito Palmira Amaral Seabra, foi constituída entre José Rodrigues Serro e Joaquim Alves Pereira, casados, residentes em Lagos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e cláusulas seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Lacobel — Sociedade Industrial de Pavimentos, Materiais e Construções, Lda., tem a sede em Lagos, na Avenida dos Descobrimentos, lote 1, 1.º, esquerdo, e o estabelecimento no sítio do Pinheiral, freguesia de S. Sebastião, concelho de Lagos, e durará por tempo indeterminado, a contar desta data.

2.º

O objecto social consiste na exploração da indústria de construção civil e actividades conexas ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que venha ser deliberado em assembleia geral e seja legal.

3.º

O capital social é de 500 000\$, está inteiramente realizado, em dinheiro, já entrado na caixa social, e corresponde à soma das quotas dos sócios, no valor de 250 000\$ cada uma.

4.º

A cessão gratuita de quotas inter vivos só vale se for consentida pelo outro sócio. Na cessão onerosa o sócio não cedente goza do direito de opção.

§ único. Em qualquer dos casos, quando um sócio pretender alienar a sua quota comunicará ao outro sócio a sua intenção por meio de carta registada com aviso de recepção, revelando a identidade do cessionário e ainda, no caso de cessão onerosa, o preço e demais condições da cessão.

No prazo de oito dias, contados da recepção da carta, o seu destinatário comunicará pelo mesmo meio ao outro sócio a sua posição concreta quanto ao projectado negócio, entendendo-se que autoriza a cessão, ou que não quer usar do direito de opção, se, no aludido prazo, nada disser.

5.º

A representação e a administração da sociedade pertencem em juízo e fora dele, activa e passivamente, a ambos os sócios, que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução, podendo vir a ser remunerados, conforme posteriormente vier a ser deliberado.

§ único. Salvo nos casos de

Precisa-se

Empregada doméstica, rapariga ou mulher para serviço de uma senhora em Lisboa.

Tratar com Juliana da Conceição — Estiramanténs — Moncarapacho, ou pelo telefone 272 da Luz de Tavira.

Problemas da panificação abordados em Faro

Decorreu em Faro uma reunião relacionada com o novo contrato colectivo de trabalho da indústria da panificação a vigorar nos distritos de Beja e Faro.

Participaram os delegados do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em Faro, Beja e Évora, dirigentes do Fundo de Mão-de-Obra e dos Grêmios e Sindicatos de Panificação daqueles distritos.

Guarda da P. S. P. vítima de acidente

Quando se dirigia de motorizada para o aeroporto de Faro, onde prestava serviço, colidiu com um automóvel, junto ao Albergue Distrital, o sr. António da Silva Nunes, de 36 anos, guarda da P. S. P. natural de Castro Marim. Conduzido ao hospital de Faro, chegou ali já sem vida.

O funeral realizou-se para a terra da naturalidade, constituindo grande manifestação de pesar. No cemitério, uma secção da P. S. P. prestou honras fúnebres ao indito guarda, que deixa viva a sr. D. Maria do Rosário Rosa Melão Nunes.

Senhora

Respeitável para cuidar e acompanhar criança de dois anos, em Faro. Preferência interna. Tratar pelos telefones 23749 ou 25369 de Faro.

está conforme o original, o que certifico.

Cartório Notarial de Lagos, 28 de Outubro de 1971.

A Ajudante,
Luísa Simões Costa

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PAOLAR**

DEPOSITOS-FARO telef. 23669 - **TAVIRA** telef. 264 - **LAGOS** telef. 287

PORTMÃO telef. 1154 - **ALMANCIL** telef. 34 - **MESSINES** telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª S.A.R.L.

Telex 0833-Teleg. Teof. 45000/00 - 4 Linhas - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal

FUNCIONALISMO PÚBLICO

O sr. José Fernandes Vieira, oficial de diligências do Tribunal de Faro, foi nomeado, interinamente para o mesmo cargo no Tribunal de Albufeira.

Perdeu-se

Espingarda de caça com o n.º 9 335, calibre 12 de 2 canos. Pertence a Florentino Lourenço, sítio do Buraco — Vila Nova de Cacela. Gratifica-se a pessoa que a entregar.

JUSTIFICAÇÃO

Cartório Notarial de Lagoa (Algarve)

A cargo da Notária Catarina Maria de Sousa Valente

Certifico narrativamente para efeito de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas A-28, de folhas 84 a folhas 85 verso, se encontra exarada

uma escritura de justificação notarial, outorgada em 11 de Novembro do corrente ano, na qual Manuel Clemente e mulher Francisca da Conceição, naturais da freguesia e concelho de Silves, onde têm residência habitual, em «Casas de Odelouca», se declararam, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores do prédio rústico, sito em Casas de Odelouca, freguesia e concelho de Silves, composto de terra de semear e árvores de fruto, a confrontar do norte com herdeiros de Luís de Campos; do sul com o Morgado d'Arge; do nascente com Inácio Correia e José Silveira Maló e do poente com António Valente. Inscrito na matriz predial rústica, em nome do justificante marido, sob o artigo 1781, com o valor matricial e atribuído de 4 840\$00. Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves.

Que este prédio veio à posse deles, justificantes, na divisão meramente verbal de prédio comum, a que procederam, há mais de 35 anos, com Gregório Clemente e mulher Ermelinda da Conceição, residentes em Barreiro — Silves; e com Clemente Gonçalves, solteiro, residente em Montemor-o-Novo.

Que, pela falta do título desta divisão não têm eles, justificantes, possibilidades, de comprovar, pelos meios normais, a sua aquisição.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Lagoa, 16 de Novembro de 1971.

A Ajudante,
M. Cecília G. Pargana

FRIMÓVEL
Instalações Frigoríficas

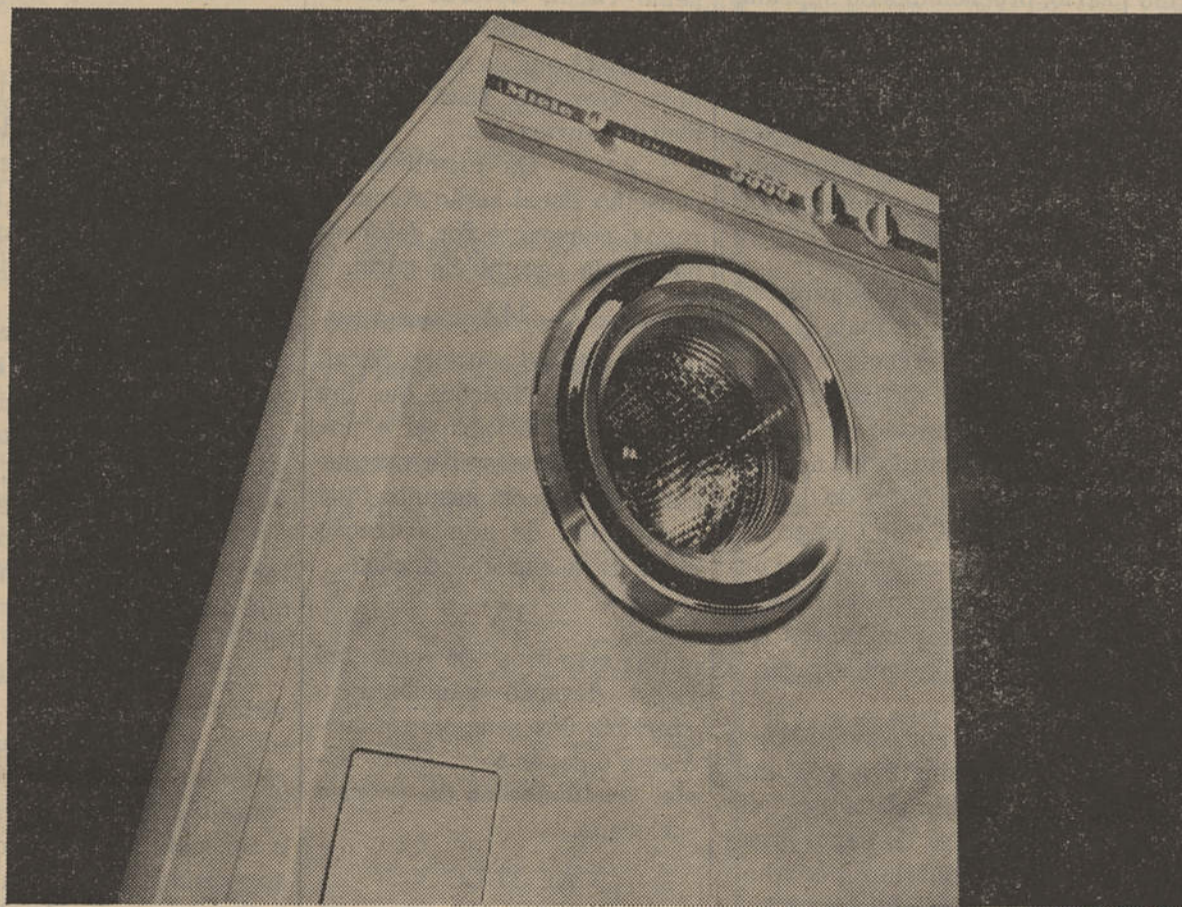
Delegação no Algarve do Sindicato Nacional dos Topógrafos

Foi nomeado delegado no Algarve do Sindicato Nacional dos Topógrafos o sr. José Manuel Cordeiro Soares Gomes.

DUMPER

Vende-se, marca Benford, com motor Peter em bom estado.
Resposta a este jornal ao n.º 14 681.

Máquinas de lavar Miele.



A perfeição até no mais pequeno detalhe.

Automatismo completo — Programas termo-regulados
- Ritmo de funcionamento variável segundo o tipo de roupa - Rotação nos dois sentidos - Processo de lavagem com 2 banhos - Nível de água variável - Bomba de escoamento com filtro - Centrifugagem a 700 r.p.m.
- Carroçaria esmaltada (processo Miele) - Tambor de aço inoxidável - Suspensão sobre amortecedores telescópicos - Segurança e eficácia.

Miele

MIELE Portuguesa, Lda.

R. Reinaldo Ferreira, 31-A e C (esquina-Av. Brasil) Telef. 72 67 91 — LISBOA

RECORTE, COLE E ENVIJE-NOS

Peço me enviarem informações detalhadas sobre as máquinas de lavar roupa MIELE

Nome

Morada

J. A.

SICOTAL - Sociedade de Construções do Algarve, S. A. R. L.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 11 do mês corrente, lavrada de fls. 49, v.º a 62, v.º, do livro n.º B-54, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída definitivamente, entre José António Martins Meixedo, Maria Augusta Nunes da Silva Martins, Eng.º Vasco Pedro Marques, Maria do Carmo de Aguiar Calado Marques, Dr. Jacinto Duarte, Arq. Manuel Francisco Cordeiro Ramos Chaves, Heitor José Oliveira Batalha de Almeida, José de Sousa Marinho, Jaime António do Carmo Paias, José Francisco Peru Guerreiro e António Joaquim Ferreira Moreira, uma sociedade anónima de responsabilidade limitada que se regerá nos termos das cláusulas seguintes, constantes dos seus estatutos:

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E OBJECTO

1.ª

A sociedade adopta a denominação de «Sicotal — Sociedade de Construções do Algarve, S. A. R. L.», e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

2.ª

A sociedade terá a sua sede em Albufeira, na Rua da Igreja Nova n.º 12, r/c, podendo ser transferida para qualquer outro local, em Portugal, por simples determinação do conselho de administração, podendo estabelecer agências, filiais ou quaisquer outras formas de representação, mediante deliberação do mesmo conselho.

3.ª

A sociedade tem por objecto:

Empreitadas, urbanizações, empreendimentos turísticos, compra e venda e arrendamento de prédios, compra e venda de materiais de construção, e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que resolvam explorar e seja legal.

CAPÍTULO II

CAPITAL SOCIAL, ACÇÕES E OBRIGAÇÕES

4.ª

O capital social é de 1 000 000\$00, representado pelas máquinas a seguir inventariadas, já realizado, dividido em mil acções do valor nominal de 1 000\$00 cada, o qual já deu entrada na Caixa Social.

§ 1.º São as seguintes as máquinas que integram o capital social, que pertenciam ao accionista José António Martins Meixedo, e que este cedeu à sociedade, tendo recebido dos outros accionistas o dinheiro correspondente às acções por eles subscritas:

Uma grua eléctrica marca CIM, no valor de 107 102\$00; — Uma grua Diesel marca NOË, no valor de 49 296\$60; — Uma grua Diesel da mesma marca, no valor de 53 359\$80; — Betoneiras: — 3 eléctricas, marca NOË, nos valores de 48 147\$10, 49 456\$30 e 55 478\$60; — 4 Diesel, sendo duas marca EFI e duas marca CIM, com os valores, res-

pectivamente, de 1 441\$60, 1 441\$60, 9 044\$00 e 6 460\$00; — 2 Vibradores, um eléctrico marca FU, no valor de 8 672\$00 e outro Diesel marca KHOLER, no valor de 6 136\$00; — 3 Dumpers, um de 3/4 de tonelada, marca V. M., no valor de 31 225\$60; outro de 1/2 tonelada marca WINGET, no valor de 47 238\$40 e outro de 3/4 de tonelada marca WINGET, no valor de 67 065\$60; — Um compressor marca MOBILAIR, no valor de 67 445\$20; — uma bomba de ensaios, no valor de 2 000\$00; — Viaturas; — um camião FORD, com a matrícula I C — 51-24, no valor de 134 000\$00; um automóvel PEUGEOT, com a matrícula I D — 34-94, no valor de 55 000\$00; — uma carinha PEUGEOT, com a matrícula B D — 80-90, no valor de 72 989\$60; — e um camião FORD, com a matrícula E B — 74-97, no valor de 127 000\$00.

§ 2.º — O capital social encontra-se subscrito e realizado pela seguinte forma:

José António Martins Meixedo, 710 acções;

Maria Augusta Nunes da Silva Martins, 20 acções;

Eng.º Vasco Pedro Marques, 50 acções;

Maria do Carmo de Aguiar Calado Marques, 20 acções;

Dr. Jacinto Duarte, 50 acções;

Arq. Manuel Francisco Cordeiro Ramos Chaves, 50 acções;

Heitor José Oliveira Batalha de Almeida, 20 acções;

José de Sousa Marinho, 20 acções;

Jaime António do Carmo Paias, 20 acções;

José Francisco Peru Guerreiro, 20 acções; e

António Joaquim Ferreira Moreira, 20 acções

§ 3.º — Fica desde já autorizada a sociedade a aumentar o seu capital até 2 000 contos, mediante resolução tomada pelo conselho de administração, com parecer favorável do conselho fiscal, dando-se preferência na subscrição aos accionistas na proporção das acções que já possuem.

5.ª

As acções serão nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, nos termos da lei.

§ 1.º — Poderá haver títulos representativos de uma, cinco, dez, 50 ou 100 acções.

§ 2.º — Na cessão de acções tem preferência a sociedade em primeiro lugar, os accionistas fundadores em segundo e os restantes em terceiro lugar, devendo aquela responder por carta registada ao cedente no prazo de 15 dias, e os restantes no prazo de 30 dias, findo que seja o primeiro prazo.

6.ª

A sociedade poderá adquirir ou alienar acções próprias e fazer com elas as operações que forem úteis aos interesses sociais, mediante resolução do conselho de administração, com o parecer favorável do conselho fiscal.

7.ª

É permitida a emissão de obrigações, nos termos da lei. A sociedade pode adquirir e

Secretaria Notarial de Loulé

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

alienar obrigações próprias e fazer com elas as operações que forem úteis aos interesses sociais, mediante resolução do conselho de administração com o parecer favorável do conselho fiscal.

CAPÍTULO III CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

8.ª

A administração de todos os negócios sociais e a representação da sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por um conselho de administração composto de três membros, um dos quais será o presidente.

§ 1.º — Os administradores serão eleitos de entre os accionistas pela assembleia geral, por períodos de três anos, salvo o disposto na alínea b) da cláusula 25, podendo ser reconduzidos uma ou mais vezes. Findos os respectivos mandatos, os administradores deverão conservar-se no exercício dos seus cargos até que os novos administradores sejam eleitos e investidos.

§ 2.º — O conselho de administração poderá ter um ou mais vice-presidentes.

§ 3.º — As vagas que ocorrerem no conselho de administração e as faltas temporárias de quaisquer administradores serão, quando necessário, preenchidas ou supridas pelo próprio conselho de administração, ouvido o conselho fiscal, de entre os accionistas com capacidade para o exercício do cargo, até à primeira reunião da assembleia geral.

9.ª

Ao conselho de administração pertencem os mais amplos poderes de gerência e administração da sociedade.

§ 1.º — A sociedade poderá nomear procuradores, nos termos e para os feitos do disposto no art.º 256.º do Código Comercial ou para quaisquer outros fins, desde que aprovados pelos restantes membros dos conselhos de administração e fiscal.

§ 2.º — A sociedade obrigase-se pela assinatura conjunta de dois administradores, um dos quais terá de ser o presidente do conselho de administração, ou de um administrador e de um procurador para tal efeito expressamente nomeado, nos termos do § anterior, salvo quanto aos actos de mero expediente, para os quais é suficiente a assinatura de qualquer administrador.

10.ª

As deliberações do conselho de administração só serão válidas se estiverem presentes ou representados, pelo menos, dois dos administradores, um dos quais terá de ser o presidente do conselho de administração, e serão tomadas por maioria de votos presentes, tendo o presidente voto de desempate.

§ único — Os administradores que não estiverem presen-

tes poderão fazer-se representar por outros administradores.

11.ª

Nenhum administrador poderá entrar no exercício sem que haja caucionado a sua gerência pelo depósito, nos cofres da sociedade, ou à ordem desta, de 20 acções ao portador, ou endossadas em branco, sendo nominativas. Esta caução vigorará até 6 meses depois da data da aprovação das contas do último exercício em que cada um tenha servido.

12.ª

Os membros do conselho de administração serão remunerados, pela forma que vier a ser acordada em assembleia geral.

CAPÍTULO IV

CONSELHO FISCAL

13.ª

A fiscalização dos negócios sociais incumbe a um conselho fiscal, composto de três membros efectivos, um dos quais será o presidente e um suplente.

§ 1.º — Os membros do conselho fiscal serão eleitos por períodos de 3 anos, salvo o disposto na alínea b) da cláusula 25 de entre os accionistas pela assembleia geral, podendo ser reconduzidos uma ou mais vezes. Findos os seus mandatos, os membros do conselho fiscal, deverão conservar-se no exercício dos seus cargos até que os membros do novo conselho fiscal, sejam eleitos e investidos.

§ 2.º — Os membros do conselho fiscal serão remunerados, consoante for determinado pela assembleia geral.

14.ª

Compete ao conselho fiscal, além das atribuições que lhe são conferidas por lei e por estes estatutos, emitir parecer sobre qualquer assunto que o conselho de administração submeta à sua apreciação.

15.ª

Os membros do conselho fiscal deverão caucionar o exercício dos seus cargos mediante o depósito no Cofre Social de 10 acções da própria sociedade.

CAPÍTULO V

ASSEMBLEIA GERAL

16.ª

As assembleias gerais, regularmente constituídas, representam a totalidade dos accionistas e as suas deliberações são obrigatórias para todos, quando tomadas nos termos da lei e dos estatutos.

17.ª

Constituem a assembleia geral os accionistas possuidores de um mínimo de 5 acções, equivalentes a um voto, que tenham sido registadas ou averbadas ou simplesmente depositadas em qualquer banco, com a antecedência de 3 dias, da data da assembleia.

§ 1.º — Os accionistas eleitos para a mesa da assembleia

geral e para o conselho fiscal, poderão sempre assistir às assembleias gerais e tomar parte nas discussões, independentemente de possuírem ou não o mínimo de acções exigido pelo corpo deste artigo, mas só poderão votar os que tiverem esse direito.

§ 2.º — Os accionistas possuidores de menos de 5 acções não poderão assistir às assembleias gerais, mas poderão agrupar-se de forma a completarem o mínimo de 5 acções e fazerem-se representar por um deles.

18.ª

A mesa da assembleia geral é constituída por um presidente, um vice-presidente e um secretário, eleitos por 3 anos, sendo sempre permitida a reeleição.

19.ª

Os accionistas podem delegar a sua representação na assembleia geral noutros accionistas, por meio de procuração ou simples carta registada, dirigida ao respectivo presidente, que se certificará da autenticidade da assinatura, quando, para tanto, a sociedade possua meios para a verificação.

§ único — As procurações ou as cartas deverão ser recebidas pelo presidente da assembleia geral, até 3 dias antes da data designada para a assembleia a que disserem respeito.

20.ª

As assembleias são ordinárias ou extraordinárias e poderão realizar-se em qualquer parte do território português para que tenham sido convocadas.

21.ª

As assembleias gerais serão convocadas pelo presidente ou por qualquer dos restantes membros da mesa, no impedimento daquele, por anúncios legais publicados no Diário do Governo e num dos jornais mais lidos da sede social, e por aviso remetido pelo correio, sob registo, aos accionistas conhecidos, com a antecedência mínima de 20 dias, devendo os anúncios e avisos conter a indicação dos assuntos a tratar e do lugar, dia e hora em que a reunião se deverá realizar.

§ 1.º — Além dos casos previstos na lei e nestes estatutos as assembleias gerais serão convocadas sempre que o conselho de administração ou o conselho fiscal o requeiram ao presidente da mesa, com a indicação precisa do objecto a tratar e ainda quando a requerimento de qualquer número de accionistas que representem pelo menos 50% do capital social, excluído o accionista principal.

§ 2.º — As assembleias gerais, ordinárias ou extraordinárias, em que esteja representado todo o capital da sociedade, poderão válidamente deliberar sobre qualquer assunto sem prévia publicação de anúncios ou quaisquer outras formalidades.

22.ª

As assembleias gerais, quer ordinárias quer extraordinárias, salvo os casos especiais prevenidos na legislação em vigor, só podem funcionar, em

primeira convocatória, se estiver presente ou representado um mínimo de 75% das acções emitidas.

23.ª

Quaisquer deliberações das assembleias gerais da sociedade, quer ordinárias quer extraordinárias, só serão válidas em primeira convocação, quando aprovadas pelo mínimo de 75% dos votos correspondentes ao número total das acções emitidas, em segunda convocação, pela maioria dos presentes.

24.ª

As votações serão feitas por uma forma convencional fixada pelo presidente da mesa, nominalmente ou por escrutínio secreto, podendo qualquer accionista requerer que se proceda à votação nominal em contraprova da votação convencional.

§ único — Nas eleições para os cargos sociais as votações serão feitas por escrutínio secreto.

25.ª

Compete à assembleia geral:

a) deliberar sobre as contas, relatórios, pareceres e propostas apresentados pelo conselho de administração ou pelo conselho fiscal.

b) deliberar substituir os membros dos conselhos de administração e fiscal, antes do termo dos 3 anos, por uma maioria de 75% de votos, correspondentes ao número total das acções emitidas.

c) fixar os dividendos de cada exercício.

d) fixar, para cada triénio, e antes da eleição, o número de accionistas que constituirá o conselho de administração.

e) eleger os membros que não de constituir a mesa da assembleia geral e os conselhos fiscal e de administração, fixando-lhes os ordenados respectivos ou remunerações, sendo-lhes permitido em qualquer reunião revogar esses mandatos ou alterar os ordenados ou remunerações, conforme resultar do exercício e da participação de cada um desses membros na actividade da sociedade.

f) aprovar qualquer aumento de capital social, fixando todas as condições da respectiva emissão.

g) resolver sobre as alterações a introduzir nos presentes estatutos e sobre fusão, dissolução e modo de liquidação da sociedade.

h) de um modo geral deliberar sobre todos os assuntos, cuja competência lhe seja expressamente atribuída ou quaisquer outros que lhe sejam submetidos e não caibam na exclusiva atribuição de outro órgão social.

CAPÍTULO VI

EXERCÍCIOS SOCIAIS, RESERVAS, LUCROS E DIVIDENDOS

26.ª

O ano social coincide com o ano civil, como é da lei.

27.ª

Além do fundo de reserva legal, o conselho de administração com parecer favorável do conselho fiscal, poderá

(Continua na 7.ª página)

MARISCOS VIVOS

De várias espécies, em aquários. Especialidade da casa: Camarões grelhados na chapa e Lagosta na brasa. CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL Telefone 65230-QUARTEIRA

Cantinho de S. Brás...

Gente que se não renova

As aldeias, quer vocês creiam ou não, são pequenas cidades, tipo miniatura, onde o homem tem ou tinha tempo de respirar-se intimamente, de observar atentamente o material humano de que é feito, catalogando na rotina do exemplo os indivíduos mais estranhos, mais comuns ou excelentes desta sociedade poluída de muitas coisas, preche de correria e frustração.

Na regra do geral, a nossa terra sãobrasense sempre foi uma rica aldeia. Sobremaneira povoada. A sedentarização teve, por certo, os seus motivos, aliados a uma próspera exploração industrial e agrícola, prendendo os homens ao solo, rodando os seus negócios e permutas salariais de sítio para sítio, de compadre a compadre, do amigo ao conhecido. Esquema simples, de vida quase primária com artifícios civilizacionais. Aos poucos, formaram-se aglomerados absolutamente distintos, individualizados até na própria maneira de pensar. Vieram os sítios, isolaram-se, ao redor dos seus chefes, gente mais expedita no solucionar e aconselhar paternalmente. Então, nascemos e ensinaram-nos que aquele era, por capacidade própria, o chefe, o regedor de e para as nossas acções. De facto, o tempo mostrar-nos-ia qualquer coisa de diferente no ser e actuar desses personagens a que a história das aldeias estava encefalicamente ligada. Ali, havia força, transbordando energia e determinação, senso, oportunidade e, não raro, qualificável bom índice de inteligência.

Está, na minha intenção e pensamento da crónica da hoje, o saudoso amigo José Joaquim Pires — a quem o vulgo e a hierarquia familiar personificou de

«José Alferes». Chefe distinto e operoso só vencido pelos anos — oitenta e tantos — dele recebemos a extraordinária lição do passado, quando a vida do seu burgo comungava à sua volta, expectante, da opinião abalizada e sincera. Recordo, à hora amarga da despedida, quando se preparava para a última viagem a frase que os seus inertes lábios ainda pronunciaram, quase imperceptivelmente: «ah, mundo, mundo, como tu vais!...».

Tinha razão o meu amigo. Como tu, vais, mundo! — e como vão degenerando as vidas e a vida das tuas aldeias, à medida que falecem os teus velhos princípios e deixamos de contar com este tipo de «gentes que se não renova».

Marcelino Viegas

FRIMÓVEL

Exclusivo LA PAVONI

H. PIMENTA DE CASTRO

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

PRÓTESE DENTARIA

Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —

CONSIDERA-SE A URGÊNCIA

CONSULTÓRIO:

R. Dr. João Lúcio, 17-1. — OLHAO

TELEF. OLHAO — 72619
Residência — 23104 — FARO
2247-MONTE GORDO

SICOTAL

Sociedade de Construções do Algarve, S.A.R.L.

(Continuação da 6.ª página)

criar os fundos de reserva especiais que julgar convenientes e dotá-los com as importâncias que sejam necessárias aos interesses sociais.

28.ª

Das receitas líquidas da sociedade deduzir-se-ão:

a) todas as despesas de exercícios, seja qual for a sua natureza, e os gastos de administração,

b) os juros de quaisquer empréstimos.

c) as importâncias a que se refere o art.º 29.

d) as amortizações de edifícios, equipamentos e móveis que o conselho de administração julgar convenientes. O restante constituirá o lucro líquido.

29.ª

Do lucro líquido, acrescido do saldo do exercício anterior, retirar-se-ão 5% para fundo de reserva legal, até que atinja a quinta parte do capital social, devendo ser reintegrado, até àquele limite, sempre que tenha sido reduzido a valor inferior. O remanescente terá a aplicação que a assembleia geral determinar.

CAPÍTULO VII

DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO

30.ª

A dissolução e liquidação da sociedade rege-se pelas disposições da lei e destes estatutos e deliberações das assembleias gerais competentes.

§ 1.º — Ao conselho de administração competirá proceder à liquidação de todo o activo e passivo da sociedade,

quando não tiver sido determinado por outra forma pela assembleia geral.

§ 2.º — Quando a liquidação seja feita pelo conselho de administração, pertencer-lhe-ão todos os poderes a que se referem o artigo 134 do Código Comercial, seu parágrafo primeiro e parte final do parágrafo segundo.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES DIVERSAS

31.ª

Para todas as questões entre os accionistas e a sociedade, resultantes deste contrato, ou de actos sociais, fica estipulado o foro da comarca de Loulé, com renúncia expressa a qualquer outro.

32.ª

Ficam designados para o conselho de administração para o primeiro triénio os seguintes accionistas:

Presidente — José António Martins Meixedo; — Vice-Presidente — Eng. Vasco Pedro Marques; — Vogal — Arq. Manuel Francisco Cordeiro Ramos Chaves.

Para o conselho fiscal:

Presidente — Dr. Jacinto Duarte; — Vice-Presidente — Heitor José Oliveira Batalha de Almeida; — Vogal — José Francisco Peru Guerreiro; — Suplente — Jaime António do Carmo Paías.

Está conforme ao original, não havendo na parte omitida, nada em contrário ou além do que se certifica.

Secretaria Notarial de Loulé, 15 de Novembro de 1971.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Pela Secção de Processos do Juízo de Direito desta comarca, na Acção Ordinária movida por EUGÉNIA ABECASSIS DE VARGAS CRUZ, viúva, e OUTROS, residentes em Lisboa, contra JOSÉ ABECASSIS DE VARGAS e mulher LUCIANA MORENO FERNANDES VARGAS, ela doméstica, ele comerciante, e contra outros, — sendo aqueles residentes em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Poeta Mistral, n.º 4, 6.º andar-A, em LISBOA, — SÃO POR ESTE MEIO CITADOS os réus acima identificados, para contestarem o pedido formulado nos autos, no PRAZO DE VINTE DIAS que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda publicação deste anúncio, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelos Autores.

O pedido dos autores consiste em que seja declarado a favor de cada um deles (são 3 Autoras uma delas casada), o direito e acção à propriedade de 4/15 de UM IMÓVEL URBANO sito na Praia de Monte-Gordo, inscrito na matriz urbana sob o art.º 55, que se compõe de uma morada de casas térreas com vários compartimentos, quintal, com poço e pia, cavaliariça e uma porção de terreno.

Vila Real de Santo António, 22 de Novembro de 1971.

O Escrivão de direito,

a) João Luís Madalena Sanches

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito

a) Agostinho de Castro Martins

Portugal vai concorrer pela 13.ª vez, ao salão Internacional das Invenções de Bruxelas

De 10 a 19 de Março do próximo ano, realiza-se em Bruxelas o 21.º Salão Internacional das Invenções e Novos Produtos cujo objectivo é pôr em contacto os proprietários de patentes de invenção com os industriais e comerciantes que se interessam pela compra de patentes e pelo fabrico de novidades.

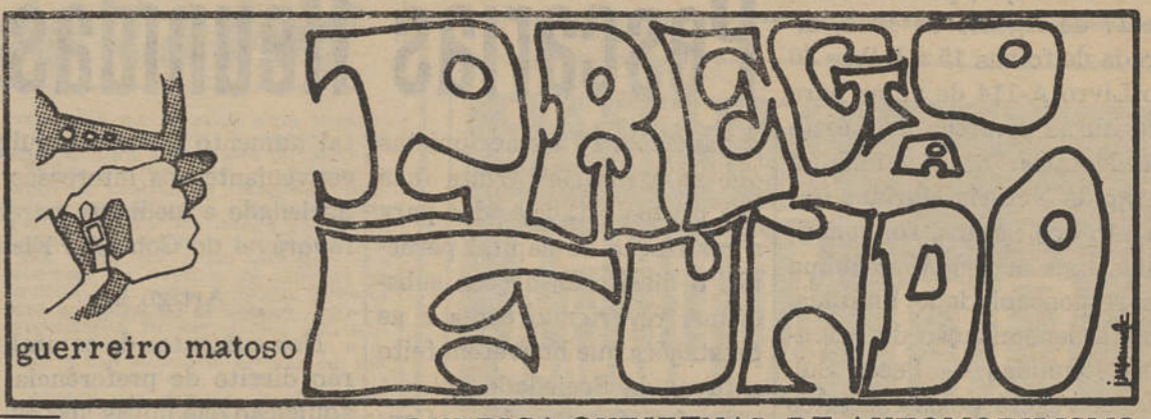
Dado o sucesso que os inventores portugueses (entre eles alguns algarvios), têm tido nas anteriores exposições, quase todos tendo sido galardoados com medalhas de ouro, prata ou bronze, é natural que a nossa representação ao 21.º Salão seja ainda mais brilhante.

A Delegação Portuguesa do Salão Internacional das Invenções e Novos Produtos Rua Duque de Palmela, 27-3.º esq., Lisboa, começou já a organizar a participação dos concorrentes portugueses.

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — CAV — SIMMS
MÁQUINAS ELECTRÓNICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RÁPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405 PORTIMAO

Terrenos vendem-se

Em Almansil, bem localizados, com acessos. Dirigir a José Afonso Martins Sousa — T.A.P. (Contabilidade) — Faro.



RUBRICA QUINZENAL DE AUTOMOBILISMO

A 2.ª Volta ao Algarve em Automóvel

A 2.ª edição da Volta ao Algarve em Automóvel arrasou-se em um estádio de evolução da organização, que, aparte o facto de ser a única do género no Sul do País, tem a particularidade interessantíssima de apresentar já uma certa rotação num campo tão complexo como é a realização de uma prova automobilística de estrada com o «back-ground» desta.

Se atendermos à juventude de grande parte dos elementos da equipa de trabalho do RACAL, teremos de reconhecer o potencial desportivo existente na organização, que se prevê se houver o necessário apoio das entidades competentes venha a ser dentro de alguns anos (que podem ser muito poucos) um dos principais centros do automobilismo nacional. Por outras palavras, no Algarve o desporto automóvel passa meteoricamente de ser abstrato a um nível que podemos classificar de «emuto bom». Claro, há que renovar o curso de controladores (uma iniciativa do RACAL de que poucos clubes se podem orgulhar) de molde a adaptar toda a equipa do clube às responsabilidades inerentes a uma prova na categoria atingida, mas isso só revela a solidez estrutural da máquina do clube.

Sobre a 2.ª Volta ao Algarve propriamente dita, presenciámos um rallye extraordinário de selectividade e de grande abstrato a um nível que é difícil encontrar em provas no nosso País, até nas que decorrem em regiões com maior facilidade de escolha.

O RACAL pretende a inclusão da prova no Campeonato Nacional de 1972 estando sobre este ponto em acesa controvérsia com o Automóvel Clube de Portugal, que ignora pura e simplesmente a sua qualidade de federação, votando o sul do País ao mais completo despojoamento desportivo em matéria de automobilismo. Realmente, sendo o RACAL a única entidade que a sul do Tejo (50% do território nacional) não se desportivamente é superior a 80% das provas que integram o campeonato, que socialmente apresenta o melhor programa e sob o ponto de vista de organização tem facetas de renovação para a juventude esclarecida seria capaz de planear, só um mero capricho pode impor reservas a uma justiça que tem de ser feita.

Provas com muito menos «balanço» têm sido incluídas no Campeonato à 3.ª edição (caso do Targa, por exemplo) e só o facto de a Volta não se realizar no Norte, com o qual a C. D. N. ou o dr. Augusto Martins não se podem dar ao luxo de brincar, pode levar à actual situação: pretende a entidade responsável pelo desporto automóvel no País, abafar a voz dos que assim dizem as suas iniciativas mais válidas do automobilismo nacional e um dos programas

mais úteis à zona prioritária do turismo português, ou seja o Algarve! Claro que a bomba rebentou... Todos os órgãos da Informação presentes na Volta ao Algarve deste ano tiveram a oportunidade de observar «in loco» o trabalho de uma equipa que não funciona à porta fechada, mas sim em sadio convívio com os concorrentes e observadores, pondo isto como objectivo fundamental da sua própria actividade. O que se passou no Hotel da Balaia foi significativo do escândalo que representaria se a Volta ao Algarve de 1972 não contasse para o Campeonato Nacional. Desde os concorrentes aos jornalistas, passando pelo próprio observador que o A. C. P. (finalmente) se dignou enviar, as opiniões foram unânimes.

Não vai certamente, a escassa minoria que manobra o automobilismo nacional lutar contra a evidência das dezenas de conhecedores que representam e têm a consciência dos milhares de entusiasmados que são afinal a única razão de existência da modalidade.

Se se pretende facilitar a vida aos concorrentes não é diminuindo o poder de escolha (eliminando provas e contendo a ascensão das melhores) que tal se consegue, é um problema de inteligência, ao fim e ao cabo. O Nacional de rallyes acaba com a TAP em Outubro; porquê? Haver provas na época dos iniciados resultaria em algum inconveniente se os pilotos deste campeonato não podem ir ao do outro? Aliás, a existência de um rallye no Algarve em Novembro, resulta de condições climatéricas que uma entidade com pretensões de verdadeira federação não pode ignorar.

Enfim, a Comissão Desportiva do A. C. P. só tem um caminho a seguir, se não quiser persistir em unilateralismos geográficos incompatíveis com uma federação, em conceitos ultrapassados que impedem uma actividade de fomento e para cúmulo em paradoxos que levam uma entidade de utilidade turística a prejudicar gratuitamente uma das iniciativas mais válidas para o turismo numa zona como o Algarve, contrariamente à consideração que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo e a Comissão Regional de Turismo do Algarve têm tido. Sobre este ponto resulta a semelhança potencial entre o Rallye de S. Remo e a Volta ao Algarve, que, claro, não está à vista de dirigentes federativos da época das regularidades absolutas métodos a «autoridades» que poucos creditam.

Tudo o automobilismo do sul do País está dependente de uma decisão do A. C. P., que, entretanto, mantém parada a «máquina» que representa a única iniciativa vingada do desporto automóvel de metade do País. Francamente...

Pois, a equipa Armando Santos-Olimac Leunam foi, sem dúvida, uma boa vencedora desta Volta ao Algarve que começou com a desistência de dois favoritos — Giovanni Salvi actual campeão nacional de rallyes e Albio Pinto.

A chegada a Faro, onde, no Hotel

Eva, funcionou o 1.º gabinete de Imprensa e onde decorreu um jantar oferecido pela organização na noite de 19, a floresta de Santa Rita e o troço de Almansil tinham ditado os primeiros resultados: Armando Santos-Olimac Leunam, Manuel Tomás-Xico Filipe, conde de Botelho-Manuel Coentro, Salazar-Comde e Carlos Coelho-Pedro Cabeçadas ocuparam os 5 lugares cimeiros.

Partida para a 2.ª etapa Faro-Lagos com subida e neutralização na Fóia, passando na 1.ª parte por: Almansil (2.ª prova de classificação), Arade (3.ª prova de classificação) e Fóia (4.ª). Durante a neutralização, o programa social foi enriquecido com a «ceia» do Abrigo da Montanha. Entretanto, já todos haviam penalizado na Nave do Barão e Estol, e José Gomes, bem como Ramires «ficaram» no Arade.

Na 2.ª parte da etapa (Fóia-Lagos) disputou-se o troço cronometrado de Alcalar (que foi o último, pois a 6.ª prova de classificação foi modificada) e por último a zona do Castelo onde vieram já grandes penalizações Fontainhas e conde de Botelho ali «ficaram» com problemas mecânicos irreparáveis (distribuição de e motor o outro).

Chegados a Lagos às 6 da manhã de sábado, apenas se disputou às 17 horas a complementar (que Salazar d'Bea ganhou secundária por Arminio Silva e Carlos Coelho (o treino é tudo...)).

A 3.ª etapa começou às 23 horas do dia 20, já depois de ter sido concedido pela organização um aumento do período de abertura do parque fechado pois poucos carros estavam em condições de seguir. Só sete concorrentes à partida da cidade, número que, após a passagem por Castelo, Silves e Arade diminuiu para 5. Manuel Tomás e Teotónio Pereira, vítimas de avarias, já não proseguiram. Daí em diante já não houve alterações na tabela, pois os concorrentes quiseram, sobretudo, assegurar a chegada ao fim — havia 30 contos a dividir pelos sobreviventes...

Após a chegada a Silves, os carros entraram em parque fechado que foi declarado aberto, por petição dos concorrentes, antes da hora prevista. De assinalar a anulação de um controlo a meio da municipal da Fradura por má localização do comissário respectivo, mas que já não poderia ter influência na classificação.

No almoço de entrega dos prémios, que decorreu no Hotel da Balaia, foi a consagração da prova por concorrentes e jornalistas que fizeram notar que o nível da prova é comparável às melhores do País, havendo absoluta necessidade de a incluir no Campeonato Nacional de Rallyes.

Os prémios especiais de desportivismo e combatividade foram atribuídos respectivamente a Carlos Fontainhas e ao aguerriado José Gomes.

De notar o facto de serem atribuídas tacas aos «pendurados» (é o hábito, amigo Rosa Cunha) dos concorrentes da «geral» e classes.

Em resumo, aqui deixamos o sabor de campeonato da prova, a todos os títulos excepcional que o RACAL planeou traduzido no seu quadro resumo:

N.º	Concorrentes e carros	Sil. Rita	1.ª etapa	Almansil	Arade	Fóia	Alcalar	2.ª etapa	3.ª etapa	Total	Geral	Classe	Comp.
2	Armando Santos-Olimac Leunam (Lancia HF)	179	0	194	481	317	378	606	574	2 749	1.º	1.º	5.º
5	Silva Pereira-Hélder Tomé (Datsun 1600 SSS)	158	72	200	480	334	359	638	1 634	3 985	4.º	1.º	4.º
6	Conde do Botelho-Manuel Coentro (Autobianchi A-111)	183	0	180	527	328							
7	Teotónio Pereira-Ricardo Abranches (Lancia 1600 HF)	192	360	215	594	319	392	1 022					7.º
8	Manuel Tomás-Xico Filipe (Ford Cortina Lotus)	182	0	186	488	355	411	1 442					6.º
10	Albio Pinto-Morgado Pereira (B. M. W 2002)	169											
12	Salazar d'Bea-José Conde (Datsun 1600 SSS)	191	0	226	482	332	391	636	902	3 210	3.º	1.º	1.º
14	Carlos Fontainhas-Rogério Seromenho (Ford Escort GT)	175	34	176	507	325							
15	Carlos Coelho-Pedro Cabeçadas (Ford Escort GT)	180	26	187	526	344	366	620	850	3 069	2.º	1.º	3.º
17	Arminio Silva-Vitor de Veiros (MG-B-GT)	201	216	214	542	357	431	1 314	3 564	6 839	5.º	2.º	2.º
18	Zerimar-Jotapinto (Fiat 125)	192	158										
20	José Gomes-Roberto Arriaga (Morris Cooper)	197	342										

Dizem os concorrentes...

Armando Santos, o vencedor da 2.ª Volta ao Algarve, declarou-nos estar satisfeito com a maneira como foi recebido no Algarve agradecendo a amabilidade que o RACAL Clube teve para com todos os concorrentes, que muito os impressionou. Sobre as partes do percurso que mais o interessaram declarou-se-nos particularmente impressionado com a Nave do Barão onde aliás penalizou bastante na 2.ª etapa, notando também o Castelo e o Arade (com o «novo» piso) como bastante difíceis de fazer a zero (zero?!...).

Olimac Leunam, o navegador de Santos Almeida que ganhou o 1.º Rallye Cidade de Silves declarou-nos ter a melhor impressão do RACAL Clube, gostando principalmente da maneira franca como a organização, no final de cada etapa, trabalha não existindo a «porta fechada» que aparece nos outros clubes. Há um convívio entre organizadores, concorrentes e jornalistas que se traduz num ambiente de mútua confiança notável.

Sobre a sua estratégia para a prova, eles estipularam andar com cuidado no Lancia na 1.ª e 2.ª etapas. Na 3.ª etapa já decidiram andar com maior agressividade, para poderem arranjar uns pontos mais confortáveis o que aliás aconteceu.

Dado o palmarés com que Olimac Leunam conta já nas provas do RACAL, perguntámos se viria à próxima edição da Volta ao Algarve; respondeu-nos que concorreria de certeza pois tem gostado imenso das provas que o RACAL tem organizado.

O Prémio Combatividade

José Gomes, o concorrente que veio de Sevilha, e que mau grado o acidente e os problemas que teve deu tudo para estar em prova foi ouvido pelo nosso jornal:

— Que paralelo podes estabelecer entre a Volta do ano passado e esta? — Quanto a mim acho que a prova do ano passado e a deste ano foram totalmente diferentes. A deste ano teve troços cronometrados e muitos volantes do 1.º nível enquanto que na outra isso não aconteceu. — Sobre a tua participação, gostaste da maneira como te correu a prova? — Gostei. — Aparte a avaria, não? — Claro. — Sobre a organização tens alguma coisa a apontar? — Tudo bom, acho que tem muito mais nível do que muitas que lá existem. — Planos para o futuro? — Penso ir a uma prova que há agora em Sevilha, a 28 do próximo mês, pois fui convidado pelo Real Automóvel Club de Andaluza.

Mais de 40 anos de experiência... Em feridas infectadas FURÚNCULOS E ANTRAZES PASTA "SANO" CONTRA A FURUNCULOSE LABORATÓRIO "SANO, V. N. GAIA À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

Emídio Sancho
Médico especialista
DOENÇAS DAS CRIANÇAS
Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada
Consultório:
R. Reitor Teixeira Guedes, 3-1.
Telefone 22 967
Residência:
Telefs. 2 29 58-4 22 23 — FARO

Certifico que, por escritura de 17 de Agosto de 1971, lavrada de folhas 15 a folhas 30 do Livro A-114 de notas para escrituras diversas do Cartório Notarial de Portimão a cargo da Notária Mariana Carapeto dos Santos, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com a denominação de Pescarias Reunidas — Pesca Sul, que se regerá pelos estatutos constantes dos artigos seguintes:

Capítulo I

DA DENOMINAÇÃO, SEDE, OBJECTO E DURAÇÃO

Artigo 1.º

É constituída a Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada sob a denominação de «PESCARIAS REUNIDAS — Pesca Sul, sociedade anónima de responsabilidade limitada», com sede na cidade de Portimão e domicílio provisório na Rua Júdice Fialho, número vinte e três, primeiro.

Artigo 2.º

A sociedade tem por objecto o exercício da actividade de pesca costeira do alto e longínqua, da sardinha e quaisquer outras espécies e o exercício de indústrias conexas, designadamente a industrialização e conservação do pescado pelo frio, a armazenagem dos seus produtos, a exploração de frigoríficos e qualquer outra actividade legalmente permitida que a Assembleia Geral delibere, com excepção da actividade bancária.

Parágrafo primeiro — A sociedade promoverá a concentração e integração das traineiras pertencentes aos seus accionistas para fazer a sua exploração nas condições e modalidades que a Assembleia Geral determinar sempre reservado aos accionistas que não pretendam, o direito de deixar de entrar com as suas unidades em tal integração ou concentração.

Parágrafo segundo — Em casos de urgência poderá o Conselho de Administração deliberar o exercício de qualquer actividade nova, devendo submeter a sua decisão à primeira Assembleia Geral que se realizar após a mesma.

Artigo 3.º

A sociedade é portuguesa, constitui-se por tempo indeterminado e poderá criar sucursais, agências, delegações ou qualquer espécie de representações aonde o seu Conselho de Administração ou Assembleia Geral determinem e se reconheça conveniente.

Capítulo II

DO CAPITAL, ACÇÕES E ACCIONISTAS

Artigo 4.º

O capital da Sociedade é de um milhão novecentos e sessenta mil escudos, representado por mil novecentas e sessenta acções de mil escudos cada, totalmente subscritas.

Parágrafo primeiro — De todas as acções que integram o capital social já estão realizadas dez por cento do seu valor nominal, devendo o restante ser realizado do seguinte modo: a) Dez por cento no prazo de três meses após a data da escritura; b) Dez por cento de três em três meses, após o pagamento referido na

Pescarias Reunidas — Pesca Sul, S.A.R.L.

pagamento; c) Os accionistas que se atrasarem trinta dias nos prazos estabelecidos para a realização do capital perderão o direito às acções subscritas, revertendo estas e as prestações que houverem feito a favor da Sociedade.

Parágrafo segundo — Consideram-se privilegiadas as acções que forem subscritas pela Cooperativa dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Parágrafo terceiro — A sociedade poderá emitir títulos provisórios nos termos do parágrafo terceiro do artigo cento e sessenta e seis do Código Comercial.

Artigo 5.º

As acções serão exclusivamente nominativas, e serão sempre assinadas por dois Administradores e inscritas no competente livro de registo, a favor dos seus proprietários.

Parágrafo único — Poderá haver títulos de uma, cinco, dez e vinte acções.

Artigo 6.º

Só poderão ser accionistas cidadãos ou sociedades de nacionalidade portuguesa e que sejam armadores inscritos no Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha pelas Delegações do Algarve que se encontrem em actividade e a Cooperativa dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Parágrafo único — Desde que qualquer accionista deixe de estar inscrito como armador de pesca da sardinha no Grémio dos Armadores de Pesca da Sardinha, fica obrigado a vender as acções de que é proprietário aos adquirentes das artes, desde que estas continuem em actividade ou à Sociedade, se aqueles não quiserem adquirir.

Artigo 7.º

Fica expressamente proibida a venda, doação, cessão ou transmissão a qualquer título, das acções da Sociedade, a indivíduos ou entidades que não sejam das referidas no corpo do artigo sexto.

Parágrafo primeiro — A sociedade tem sempre direito de preferência na transmissão das acções, podendo, depois de as adquirir, vendê-las aos seus accionistas, rateando-as entre aqueles que se dispõem a adquiri-las.

Parágrafo segundo — Para o exercício do direito de preferência referido no parágrafo anterior, deverá o accionista que pretenda alienar acções, dar conhecimento da sua intenção ao Conselho de Administração, o qual deverá pronunciar-se sobre a aquisição no prazo de sessenta dias.

Parágrafo terceiro — Para efeitos de rateio das acções adquiridas pela Sociedade nos termos deste artigo, deverão os accionistas ser avisados por carta registada com aviso de recepção, para que no prazo de quinze dias, se pronunciem.

Artigo 8.º

O capital poderá ser aumentado uma ou mais vezes, pela emissão de novas acções até ao montante de noventa e nove milhões de escudos ficando o Conselho de Administração autorizado a proceder a

tal aumento quando o julgar conveniente aos interesses da Sociedade e mediante parecer favorável do Conselho Fiscal.

Artigo 9.º

Nos aumentos de capital terão direito de preferência na aquisição das novas acções, os accionistas na proporção das que possuírem na altura do aumento.

Artigo 10.º

Fica a Sociedade autorizada a emitir obrigações, sob proposta do Conselho de Administração, com direito de amortização antecipada, nos termos da legislação em vigor.

Artigo 11.º

São direitos dos accionistas:

Primeiro — Haver dividendos nos lucros da Sociedade; Segundo — Eleger o Conselho de Administração, o Conselho Fiscal e a Mesa da Assembleia Geral;

Terceiro — Examinar no escritório da sede, os livros e documentos a que se refere o artigo cento e oitenta e nove do Código Comercial, nos quinze dias anteriores ao marcado para a realização da Assembleia Geral Ordinária.

Artigo 12.º

Os accionistas são obrigados a exercer os cargos para que sejam eleitos ou nomeados, salvo motivo ponderoso julgado justificado pela Assembleia Geral.

Capítulo III

DA ADMINISTRAÇÃO E FISCALIZAÇÃO

Artigo 13.º

A Sociedade será gerida por um Conselho de Administração constituído por um máximo de cinco administradores e um mínimo de três, eleitos pela Assembleia Geral de entre os seus accionistas, por si ou pelos seus representantes, de três em três anos, devendo um representar as acções privilegiadas de harmonia com a indicação do respectivo titular, nos termos do parágrafo terceiro.

Parágrafo primeiro — Os Administradores eleitos designar-se-ão, de entre si, um, que servirá de Presidente;

Parágrafo segundo — O Conselho de Administração será remunerado, sendo a remuneração fixada pela Assembleia Geral.

Parágrafo terceiro — Os accionistas deverão nos oito dias anteriores ao marcado para a eleição dos corpos gerentes da Sociedade comunicar por carta dirigida ao Presidente da Assembleia Geral qual o nome de quem os representará no Conselho de Administração no caso de serem eleitos.

Parágrafo quarto — Para os efeitos referidos no parágrafo terceiro, só poderão representar os accionistas no Conselho de Administração os seus directores ou gerentes.

Artigo 14.º

A falta ou impedimentos temporários ou permanentes de qualquer dos membros do Conselho de Administração, serão supridos, quando se entender necessário, por delibera-

ção conjunta dos restantes Administradores e do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, que convidarão o accionista ou accionistas que poderão prover o lugar ou lugares vagos.

a) No caso de falta ou impedimento temporário até ao regresso do respectivo titular;

b) No caso de falta ou impedimento permanente até à primeira reunião da Assembleia Geral.

Artigo 15.º

A Sociedade fica obrigada pela assinatura de dois Administradores, um dos quais será sempre o Presidente do Conselho de Administração ou havendo-o, o representante das acções privilegiadas.

Artigo 16.º

Os Administradores caucionarão o exercício do seu cargo por meio de depósito de vinte acções livres de qualquer bónus ou encargo, ou por meio de depósito do seu valor em dinheiro ou por caução bancária de igual valor.

Artigo 17.º

Compete ao Conselho de Administração, além das atribuições que derivam da Lei: a) Gerir com os mais amplos poderes todos os negócios da Sociedade;

b) Representar a Sociedade em Juízo e fora dele, activa e passivamente, podendo confessar, desistir ou transigir em qualquer pleito e, ainda, comprometer-se em árbitros;

c) Adquirir bens ou direitos móveis sujeitos a registo ou imóveis, dar ou aceitar garantias, celebrar arrendamentos ou aluguéis, activa ou passivamente e conceder ou contrair empréstimos e financiamentos precedendo parecer favorável ao Conselho Fiscal;

d) Nomear sempre que o entenda conveniente, um ou mais Directores Delegados, que serão sempre escolhidos de entre as pessoas referidas nos parágrafos terceiro e quarto do artigo décimo terceiro;

e) Constituir mandatários, outorgando para tanto as necessárias procurações, para a prática de determinados actos;

f) Dar execução e fazer cumprir os preceitos legais e estatutários e as deliberações da Assembleia Geral.

Artigo 18.º

A fiscalização da Sociedade incumbe a um Conselho Fiscal composto de três vogais efectivos e um suplementar eleitos trienalmente pela Assembleia Geral.

Artigo 19.º

As funções do Conselho Fiscal poderão ser remuneradas por deliberação da Assembleia Geral.

Capítulo IV

DA ASSEMBLEIA GERAL

Artigo 20.º

A Assembleia Geral é constituída pelos accionistas que tenham averbadas acções em seu nome, pelo menos trinta dias antes daquele em que se realizar.

Artigo 21.º

Os accionistas poderão fazer-se representar na Assem-

bleia Geral por outros accionistas com direito de voto, por meio de carta dirigida ao Presidente da Assembleia Geral, conferindo poderes para deliberar com indicação expressa da Assembleia a que se destina, com a antecedência de três dias da sua realização.

Artigo 22.º

A mesa da Assembleia Geral é constituída por um Presidente, um Vice-Presidente e dois secretários, eleitos trienalmente pela Assembleia Geral, de entre os seus accionistas.

Parágrafo único — Na falta ou impedimento do Presidente e Vice-Presidente servirá o maior accionista presente que aceite o cargo e na falta de Secretários, aqueles que o Presidente convidar.

Artigo 23.º

Todos os accionistas terão direito de voto, contando-se um voto por cada acção.

Parágrafo único — As acções que pertencem à Sociedade não conferem direito de voto.

Artigo 24.º

As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de anúncios publicados com a antecedência de quinze dias.

Artigo 25.º

Para que a Assembleia Geral possa funcionar em primeira reunião devem estar presentes ou representados accionistas que representem mais de metade do capital social.

Artigo 26.º

Não podendo realizar-se a reunião por falta de representação mínima de capital far-se-á imediatamente convocação para nova reunião que deverá realizar-se dentro dos quinze dias seguintes a qual se efectuará e deliberará válidamente qualquer que seja o número de accionistas presentes ou representantes e qualquer que seja o capital representado.

Artigo 27.º

As deliberações serão tomadas pela maioria absoluta de votos dos accionistas presentes ou representados.

Artigo 28.º

A Assembleia Geral Ordinária reúne até trinta e um de Março de cada ano para:

a) Discutir, aprovar ou modificar o relatório e balanço do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício do ano findo em trinta e um de Dezembro anterior;

b) Eleger a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal de três em três anos, ou para preencher os cargos vagos;

c) Deliberar sobre qualquer outro assunto para que tenha sido convocada.

Artigo 29.º

A Assembleia Geral extraordinária reunir-se-á sempre que o Conselho de Administração ou o Conselho Fiscal a convoquem ou quando seja requerido por accionistas que representem pelo menos a quinta parte do capital so-

cial e só poderá ter por objecto e válidamente deliberar, sobre os assuntos expressamente mencionados na convocatória.

Capítulo V

DO EXERCÍCIO SOCIAL, BALANÇO, RESERVAS E LUCROS

Artigo 30.º

O ano social é o ano civil e o balanço de contas deverá ser apresentado à Assembleia Geral Ordinária até trinta e um de Março do ano seguinte:

Artigo 31.º

Os lucros líquidos apurados pelo balanço depois de deduzidos os gastos gerais, as despesas de exploração, as amortizações e as provisões, bem como os fundos de reserva legal e de renovação da frota e do reapetrechamento e a reintegração dos fundos instituídos, serão distribuídos, como dividendos, pelos accionistas de harmonia com o que, em Assembleia Geral for deliberado.

Capítulo VI

DA DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO

Artigo 32.º

A sociedade só se dissolve nos casos previstos na Lei.

Artigo 33.º

Os liquidatários, nomeados pela Assembleia Geral, nos termos do parágrafo primeiro do artigo centésimo trigésimo primeiro do Código Comercial, terão a competência e atribuições referidas pelo artigo cento e trinta e quatro e seus parágrafos do mesmo Código e aqueles que a Assembleia Geral lhes confira.

Parágrafo único — Havendo acções privilegiadas serão estas pagas em primeiro lugar antes das restantes acções.

Capítulo VII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 34.º

É permitida a reeleição, sem limite de vezes, de todos os cargos sociais.

Capítulo VIII

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Artigo 35.º

Dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação dos presentes Estatutos, no Diário do Governo, deverá ser convocada a Assembleia Geral, para eleição da respectiva Mesa, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, bem como para deliberar sobre o que a Mesa da Assembleia Geral haja por conveniente.

Parágrafo único — Até à efectivação da Assembleia Geral referida no corpo deste artigo, ficam nomeados para o Conselho de Administração, os seguintes accionistas que poderão, nessa Assembleia Geral ser reconduzidos nos cargos: Reinaldo Pereira de Assunção e Doutor José Joaquim Lopes de Figueiredo Luís.

Está de conformidade com o original, a que me reporto.

Portimão é Cartório Notarial, 14 de Setembro de 1971.

A 2.ª Ajudante,

Ana Paula Fernandes Domingues

ALBÓS-Tractores Algarve, L.^{da}

Agente em todo o Algarve, de toda a gama de tractores industriais de rodas e de rastos, da famosa marca **MASSEY FERGUSON**, com potências desde 45,5 HP. a 136 HP.

Escritórios centrais:

Rua dos Bombeiros Portugueses, n.º 40

Telefone 22871 F A R O

Assistência Técnica e Secção de

Acessórios:

Rio Seco — Telefone 25418 — F A R O

O Algarve carece de infra-estruturas essenciais

(Conclusão da 1.ª página)

lhe pode proporcionar o clima bom e tranquilo que procura.

O nacional que, dispondo do transporte automóvel, sabe ter de enfrentar umas horas de viagem por maus pisos e piores incómodos com o desfilar contínuo de curvas, contracurvas e acentuadas e íngremes ladeiras, quer venha pela via do Espinho de Cão, quer pela do Caldeirão ou do Monte Figo, treme, vacila e só muito contrariado desce até ao sul, até ao velho Reino dos Algarves. E daí resulta que evita de nos visitar, de passar os fins de semana nesta risonha faixa à beira-mar plantada, porque equaciona a curteza do tempo com a rudeza do caminho e desiste, em face da impertinência do último.

Resultam disto, prejuízos muito importantes para a economia nacional, porque o intercâmbio fácil entre o Norte e o Sul, por boas vias de comunicação, constituiria fonte proveitosa de rendimento de divisas para o Norte do País, que passava a ser mais procurado pelo estrangeiro, e fonte de atracção para o turista nacional que, na grande maioria, desconhece o Algarve, e só recebe conhecê-lo pelas dificuldades de acesso.

Por estrada, vemos que de Grândola para Santiago, Odemira e Lagos, as dificuldades surgem ao entrar em Odeceixe; para Aljustrel, Almodôvar e Barranco do Velho, Faro ou Loulé, têm de se sujeitar a uma nauseante série de curvas e contracurvas e ainda ao mau piso da estrada com «reléves» excessivos para vencerem desniveis mais acentuados do que a lei permite ou deve permitir; para Mértola, Pevreiro e Vila Real de Santo António, a mesma série de voltas e mais voltas que indispõem e arrelham o mais hábil condutor.

Se o Estado já tem totalmente estudada a variante da estrada n.º 2, de Faro a Chaves, entre esta cidade e Almodôvar e esta é, in-

contestavelmente, a via mais pericorrida de acesso ao Algarve, porque não enquadra numa concessão por auto-estrada o trajecto Faro-Almodôvar?

Sabemos que há, algures, em vários pontos do País, uma emulação e antipatia por tudo que ao Algarve diga respeito, mas o bem público e o carácter de benefício que uma tal via traria para o distrito de Faro, impõem soluções à escala nacional, embora muitos julguem que o Algarve está a merecer protecção do Estado na atracção que exerce nos turistas. Nada mais errado, nem mais mal pensado. O movimento de interesse turístico que o Algarve representa, nada deve ao que se possa chamar auxílio ou ajuda do Estado.

A iniciativa particular e a preferência que os estrangeiros têm mostrado pelas suas riquezas típicas e características, se deve tudo o que o Algarve tem, e já é bastante, no capítulo das construções, de explorações e concursos internacionais, incluindo a rede de estradas que pelos novos grupos de exploração tem sido rasgada.

Se o Estado se resolver a auxiliar o Algarve, oferecendo-lhe uma boa estrada de acesso à capital do País, só terá a lucrar, porque, estamos convencidos, todo o nosso mal é de infra-estruturas e de entre estas a mais carecida é a ligação rodoviária, e esta concentrada no corte da serra do Caldeirão, onde está provado ser a melhor, mais fácil e mais eficiente que se pode proporcionar à Província.

R. P.

Perícia automóvel em Olhão

Disputa-se hoje, a partir das 15 horas, a tradicional prova de perícia automobilística organizada pelos alunos finalistas da Escola Industrial e Comercial de Olhão.

Foram instituídos valiosos prémios.

NOVOS, BEM LOCALIZADOS

em Vila Real de Santo António

Vendemos e alugamos óptimos andares

Agência Comercial e Turística, Lda.

Em MONTE GORDO — Rua Pedro Álvares Cabral — Telef. 2100

Em Vila Real de Santo António — Rua Teófilo Braga, 99 — Telef. 311

I. A. N. T.

Sanatório Carlos Vasconcelos Porto

Concurso Público N.º 1/72

FORNECIMENTO DE CARNES DIVERSAS DURANTE O 1.º SEMESTRE DE 1972

Até às 16 horas do dia 30 de Novembro de 1971, aceitaram-se propostas, em envelope lacrado, para o fornecimento em referência. As condições encontram-se patentes na Secretaria do Sanatório.

S. Brás de Alportel, 15 de Novembro de 1971.

O Director do Sanatório

a) Dr. Medeiros Galvão

CORREIO de LAGOS

Exposição Alves Redol

A exposição de Alves Redol que desafiarmos tivesse projecção digna da obra de tão ilustre escritor, não foi, estamos convencidos, devidamente apreciada porque, com a deficiente propaganda, aconteceu que o horário não foi cumprido de harmonia com o único cartaz que vimos afixado na Comissão Regional de Turismo.

Dado que tal exposição que foi esperada em Setembro e anunciada depois para os dias 8 a 14 de Outubro, só decorreu de 17 a 22 deste mês, em local bem escolhido é certo, mas praticamente desconhecido, imprimiu-se algo a letras gordas nos pontos mais concorridos, chamando a atenção para a mesma.

Tal não se verificou, pois além do cartaz referido, só notámos dois cartazes semelhantes nas janelas do edifício onde apreciámos a exposição, sem quaisquer indicações sobre as horas a que podia ser visitada.

Os lacobrigenses, na sua maioria, alheiam-se ao que pode contribuir para a nossa elevação, mas, no caso presente, estamos em crer, que se a exposição fosse mais conhecida, Alves Redol tornaria-se a mais querida de quantos são pelo progresso social que se impõe.

Está constituído o Conselho Geral do Grémio da Lavoura?

Em face do que já referimos em relação à freguesia da Luz, onde nada nos constou sobre a eleição dos procuradores escolhidos para constituição do Conselho Geral do Grémio da Lavoura de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo, e ao que nos abstemos de referir relativamente a outras freguesias, temos dúvidas sobre a legal constituição do mesmo conselho.

Sabemos que adentro dos que actuam no Grémio da Lavoura, somos classificados de parvo, mas, porque até agora, não surgiram explicações públicas sobre as nossas sugestões no sentido de acção mais condizente com a lei, e reparos contrariando em grande parte resoluções tomadas em prejuízo dos associados, julgamo-nos no direito de os não considerar mais inteligentes, como seria nosso desejo.

No caso do último apontamento sobre o Grémio, intitulado «Como se processaram as eleições dos procuradores escolhidos do Grémio da Lavoura?», o signatário não deixaria de dar explicações. Os que actuam no Grémio, porém, limitam-se a censuras nos cafés e outros lugares públicos, muitas vezes deturpando o sentido das nossas palavras, com o fim de demonstrarem acção que está longe de corresponder às necessidades da Lavoura, o que leva os associados a desinteressarem-se quase por completo da vida do Grémio. E como o desinteresse aumentará na proporção do desconhecimento dos actos directivos, oxalá se resolvessem a tornar públicos todos os actos, quem diz de gerência, diz mesmo de constituição do Conselho Geral.

Quantos quilos de azeitonas deixaram de se aproveitar no Algarve?

Que de dia para dia é mais premente o aproveitamento de quanto pela força criadora vem até nós, não restam dúvidas a quem quer que seja. Que o desperdício toma proporções assustadoras, demonstram-no os factos. Veja-se o que se passa com as azeitonas: o concelho de Lagos não é dos que, no Algarve, mais azeitonas produz, sabemos bem; no entanto, bem aproveitadas que fossem, é natural que produzissem azeite para abastecimento regular durante um mês ou mais. Acontece porém que a escassez de mão-de-obra foi notória e só um ou outro possuidor de reduzido número de árvores, com a «prata da casa», como é hábito dizer, recolheu alguns frutos.

A grande maioria fez o cálculo entre a despesa que efectuará com pessoal pouco experiente, e a receita com a venda das azeitonas para o lagar, e

Tem espelhos velhos, e quer reespehar?

Quer pintar ou forrar de papel qualquer peça de sua casa?

Tem algum problema sobre vidros?

A Vidreira de Vila Real de Santo António

na Rua José Barão, n.º 11

resolva-lhe tudo com

RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

concluindo que o saldo seria negativo acabou por desistir da apanha, com prejuízo para a produção de azeite.

Talvez por este facto, as subidas de preço de género tão necessário, sucedem-se com prejuízo para todos, porque as receitas dos lares mais pobres não comportam aumento de despesas.

Há, pois, em nosso entender, que interessar os Grémios da Lavoura na aquisição de varas e toldos próprios para as operações de apanha, visto os proprietários, na sua maioria, não reunirem condições para adquirir tais utensílios e não possuírem árvores em número que justifique o dispêndio com a compra dos mesmos. O alerta que fica pode considerar-se tardio para a safra do ano que decorre, mas como as operações que interessam ao progresso do Algarve, dificilmente se concretizam, talvez iniciadas que sejam agora, possam dar frutos na próxima campanha.

Ruídos incomodativos

Talvez porque a Polícia, no sentido da colaboração que se impõe, tem chamado a atenção dos condutores de motorizadas para o barulho ensurdecedor que vem incomodando de verdade, alguns dos que mais prevaricam têm vindo até nós com argumentos tendentes a demonstrar que não estando, dentro do assunto, não acertamos na forma de o expor.

Convencidos, porém, de que todos compreenderam que mais não pretendemos além do respeito pelos direitos alheios, não se incomodando em especial os que actuam em estabelecimentos de ensino e serviços de contabilidade, continuamos esperançados em que as autoridades se empenhem cada vez mais na repressão de abusos, pois é do nosso conhecimento que muitos são os condutores de motorizadas que não dispõem de silenciadores, outros havendo que dispõem, é como se não dispusessem pelo mau estado de conservação em que se encontram.

Juramento de bandeira

No passado dia 19 efectuou-se o juramento de bandeira dos recrutas do 3.º subturno da 3.ª E. R. de 1971, que decorreu com as habituais cerimónias de tal acto.

A feira franca agradou

Apesar do reduzido espaço de que actualmente se dispõe para a feira franca, podemos referir que a deste ano agradou de modo geral, talvez pelo cuidado posto na disposição das barracas e centros de diversão. A feira de gado, em terreno particular que é natural venha a ser adquirido pela Câmara, por compra ou por arrendamento, decorreu animada e sem embaraços ao contrário do que tem acontecido em anos anteriores, em que as pessoas dificilmente passavam entre os animais pela circunstância da estrada municipal ter sido utilizada para o efeito.

Devemos pois estar gratos à família Brak-Lamy que, tendo autorizado sem qualquer retribuição a utilização de terreno de sua propriedade para a feira de gado, deu exemplo digno de ser imitado, poupando o Município a reparos despesitantes que surgem sempre que as coisas se processam contra o que a prática aconselha.

Anima-nos saber que a Câmara está dispensando o maior interesse à causa de terreno para feira que nos honre, formulando votos para que encontre da parte de gregos e tirados a colaboração necessária para os fins que visa, pois, uma vez alcançados Lagos dará um grande passo em frente.

João de Sousa Piscarreta

Educadora Infantil

Precisa-se em Faro. Informa por telefone: 23 601.

Vende-se

Barco «Benvida Rosa», com redes e aparelhos de anzol, equipado com motor Baudouin de 50 H. P. em estado novo e sonda.

Trata o proprietário — telefones 274467 e 2763633 — Almada.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA



Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa

em casa, no bar ou no restaurante

TINTO BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora **NETO**

DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 207

PÓRTIMÃO telef. 154-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.º, S.A.R.L.

Telex 01623-Teleg. Telex-Telex 45300/09-4 Linhas-Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

No 22.º aniversário da morte de António Aleixo

(Conclusão da 1.ª página)

nostalgia e amargor, as tristes condições em que viviam os portugueses em Paris, nas vésperas da grande depressão económica. Desse tempo nos deixou ele o seu amargurado testemunho:

*As nuvens mostram tristeza
Na cidade de Paris,
Como o sol mostra riqueza
Em Portugal, meu País.*

*Corta-se-me o coração
Ao pensar que passo a vida
Numa casa construída
De tábuas e papelão.*

De regresso ao torrão algarvio, Aleixo fixou residência em Loulé, onde viveu a segunda metade da sua vida, e começou a produzir o principal da sua obra. Sofria já de um mal do estômago (apanhado em França?) que o iria afastar para sempre dos trabalhos volúntes, e que seria a causa remota do outro mal maior que o vitimaria anos depois — a tuberculose.

Para se alimentar com o leite indispensável, que de outro modo não poderia obter, fez-se então guardador de cabras — umas suas,

Algarve

Vendo propriedades em Vila Real de Santo António, Castro Marim, Sagres e Aljezur.

Trata o proprietário — telefones 274467 e 2763633 — Almada.

outras que lhe davam de meias — e, com os magros rendimentos desse novo mister, passou a viver, arrostando as maiores dificuldades para se tratar e sustentar a mulher e os filhos, que, entretanto aumentavam. Procura, porém, outras «fontes de rendimento», «fura», noutras direcções. E começa aí a ocupação de cauteleiro, pela qual sentia um triste orgulho...

*Poeta, não, camarada,
Eu também sou cauteleiro;
Ser poeta não dá nada,
Vender jogo dá dinheiro.*

... (como ele respondeu um dia a certo cauteleiro que lhe chamou poeta)... mas da qual nunca retirou outro proveito além do magro lucro da venda das cautelas:

*De vender a sorte grande,
Confesso, não tenho pena;
Quer a roda ande ou desande
Eu tenho sempre a pequena.*

A guitarra, que Aleixo muito estimava, tornou-se por essa altura sua companheira inseparável do dia a dia; porque, ao mesmo tempo que apregoava a sorte grande, Aleixo cantava «a dor daqueles / que sabem sofrer a rir», para ao mundo «fazer sentir / um pouco de pena deles». A par de pastor e cauteleiro, prosseguiu a sua velha arte de cantor de felras e arraisais, numa simbiose de actividades que não o deixam parar um só momento, num esforço que, desgraçadamente, não compensa:

*Eu já não sei o que faça
Pra juntar algum dinheiro;
Se se vendesse a desgraça
Já hoje eu era banqueiro.*

Cada vez mais doente do estômago, os médicos indicavam-lhe, como único remédio eficaz para o seu mal, uma operação de «barriga aberta». Numa época — década de 30/40 — em que era raríssimo alguém submeter-se a uma intervenção cirúrgica (e muito menos ainda os pobres da província) Aleixo receava tal prova. Todavia, na hora extrema, quando nem já o leite podia beber, decidiu-se; e... — graças a dedicações amigas — salvou-se.

Antes de fazer a operação, com o agravamento do seu estado de saúde, já Aleixo tinha abandonado por completo as cabras, e vivia apenas do magro lucro das cautelas que vendia (o que deixou também de poder fazer) e do amparo dos amigos. Tristes tempos foram esses com subscrições realizadas pela população de Loulé a favor do poeta — que levaram este, mais tarde, a comentar:

*Eu era mendigo outrora,
Tantas esmolas pedi,
Que não sei dizer agora
Quantas vezes me vendi.*

Acrescentando, porém, à laia de aviso aos que julgam pelas aparências:

*Porque o mundo me empurrou,
Cai na lama, e então
Tomei-lhe a cor, mas não sou
A lama que muitos são.*

(Continua)

Ezequiel Ferreira



BANCO VISENSE

UM BANCO MODERNO DESDE 1868

SERVIÇO SERE

TRANSFERÊNCIAS DE ECONOMIAS DE EMIGRANTES PARA PORTUGAL

DEPÓSITOS

de prazo superior a 6 meses
JURO (anual) 5 1/2 % LÍQUIDO

SEDE

R. Formosa, 18 Tel. 22267 VISEU

SEDE CENTRAL

R. Aurea, 139-143 Tel. PPC 34331
Telex 1358 APINO P LISBOA

CASA PIANO: RIO DE JANEIRO, BUENOS AIRES

do alto da torre



Os acessos do apeadeiro

O POLICARPO que já há alguns dias se encontra albergado em minha casa, à espera que o «Sotavento» pára na estação, saiu-se ontem com esta: — Sinto-me extraordinariamente infeliz. — E ante o meu espanto: — Não julgues que é pela tua hospitalidade, que considero excelente, apesar de já nem me dares fruta à sobremesa. Mas verifico que a Fuseta vai de mal a pior. Admiras-te? Ah, meu caro, tens que te resignar com a monstruosa realidade: isto está mal! Até parece que o nosso progresso se faz no sentido retrógrado.

— Por outras palavras — disse eu — estamos a andar para trás! — Sim, E não julgues que me estou só a referir ao comboio que não pára na nossa estação. Também a «carruagem branca» não parou e nós não morremos por isso. O que quero dizer é que o progresso na branca noiva do mar, tem a forma dum caranguejo!

Não pude conter uma gargalhada. — Vés, tu não disse o meu amigo, entristecido. — Tu ris, mas eu choro. E sabes porquê? Porque gosto disto e porque não compreendo que alguém se possa desinteressar de uma terra tão bonita.

Perdido — contrapuz. — Tu não és mais amigo da Fuseta do que eu. Se ri foi somente porque achei graça à tua crustácea designação de progresso!

Polcarpo lançou-me um olhar de perdedor abandonado e abanou as bochechas encarnadas.

— Sabes que tenho andado por aí às voltas, a recordar os nossos antigos lugares de brincadeira? É verdade. A ponte grande; a ponte pequena; a porcaria que por ali há; e, mais uns passos andados, o apeadeiro. Como é atroz o nosso apeadeiro! Quantas almas eilas ou cidades não poderiam de o possuir! E no entanto, bem construído, de linhas harmoniosas, cores suaves, ele para ali está à mercê de certos vândalos. Porque digo uma coisa: amo a Fuseta, sou muito amigo do seu povo, mas não posso esquecer que também alberga indivíduos mal formados.

— Alá, todas as terras os albergam — avantei.

Ele olhou para mim de mau modo. — Que me interessam as outras? Estamos a falar da Fuseta, onde infelizmente não existe polícia nem guarda, nem nada.

— Nem xerife! — Por favor, não brinques com coisas sérias. Isto não é nenhuma «coubada»!

— Está bem, mas como estamos a falar do apeadeiro, podia ser uma «coubada»!

— E tu que não viesses os trocadilhos habituais. Aviso-te que não tenho disposição para te aguentar. O que vi, foi de tal maneira revoltante que perdi a vontade de rir. Então não queres lá ver que até lâmpadas já têm roubado dali? Sim, homem, sim!...

— Isso são moços. — Elefantos não são, com certeza. Porque para as porcarias que lá fazem, enchiam a casa até ao tecto!

— Ah, agora compreendo a razão por que falaste na polícia e na guarda. Efectivamente, casos desses mereciam ser descobertos e os indivíduos castigados, para exemplo de outros!

Polcarpo ficou-me duramente a declarar que se deveria fazer uma campanha, não para apanhar os delinquentes, mas sim para evitar que os houvesse, o que seria de certo modo maravilhoso. Apelar-se-ia para o padre; para os professores; para os comerciantes; para os mestres dos barcos no sentido de preservar aquela obra e a própria Fuseta.

— Já há tempos escrevi uma crónica nesse sentido — expuquei-lhe. — E quais os seus frutos? — perguntou.

— Os que viste. — Desalentado, deu duas ou três passadas pela sala, apertando uma mão contra a outra. De súbito parou e encarou-me irónicamente.

— Ainda tu não sabes a melhor. Aquilo não tem nenhuma condição de acesso. Já há muito tempo que não vais por lá, não é verdade? Mas ainda te recordas daquele terreno baldio que ali havia entre o caminho de ferro e as escolas?

— Um de barro cheio de alhos e batatas? — inquiri.

— Esse mesmo. Pois ainda subsiste, o desgraçado, apesar de tantas obras! No Inverno, como sabes, está cheio de lama; e no Verão cheio de pó! Por aqui podes ver as dificuldades por que passam as pessoas que vão apanhar os transportes, e as que chegam, evidentemente, e um sarilho!

Cocci a cabeça a fim de esconder a minha perplexidade. Então o apeadeiro, uma obra que tinha encheido de verdadeiro júbilo o bom povo fusetense, estava de tal maneira abandonada!

— Mas, oh Polcarpo, há-de haver ao menos uma passadeira que ligue o apeadeiro à rua!

Ele olhou-me cuidadosamente, como se eu fosse uma infeliz criatura. E se assim era acertou porque me sentia muito infeliz naquele momento.

— Uma passadeira? — perguntou — Em rãta ou lá cardada? Ouve, meu caro, não há passadeiras nem tapetes, nem em cimento nem em pedra. O que há é uma grossa camada de barro vermelho que se cola às solas dos nossos sapatos nos dias de chuva. E o Inverno já está à porta. As suas trombetas já soaram para aí anunciando uma entrada triunfal. Quando ele chegar logo me fajas das passadeiras!

— Mas então e quem te tem obrigação de resolver esse assunto!

— Tantas perguntas, meu Deus. Nós não precisamos de perguntas; precisamos é de respostas. Mas de respostas concretas, precisas; daquelas que se dão e se executam, sem decorrer muito tempo. Ora, o problema é o seguinte: a nossa terra foi beneficiada com um engraçado apeadeiro que não tem acessos condignos; tal qual como construir um palacete na murrça! Não me digas que todos os dias vamos perguntar a quem compete a construção dos acessos! Não meu caro. A Fuseta possui entidades oficiais que têm que estar a par das suas vicissitudes. Por conseguinte que as transmitam a quem de direito, sem ser necessário que lhes andemos a desourar constantemente aos ouvidos.

— Quem sabe se já as transmitiram e o «quem de direito» não fez caso!

— Sim, também pode ter acontecido...

Reis d'Andrade

Educação física no ensino primário

Principiaram no mês findo os trabalhos de introdução da educação física nas escolas primárias, com o objectivo fixado para o corrente ano de movimentar cerca de 10% da população escolar de 13 regiões consideradas prioritárias. Para o efeito foram nomeados responsáveis pela orientação da educação física, nove professores diplomados pelo INEF. No nosso distrito, essas funções serão exercidas pelo prof. Eurico Serra Pinto.

FRIMÓVEL
Exclusivo **KELVINATOR**

Aluga-se em Vila Real de Santo António

Loja com duas montras, na Rua dos Centenários, próximo da paragem da Rodoviária, junto à Escola Técnica. Trata António Rodrigues Rosa — Vila Real de Santo António.

Cresce a comunidade anglicana no Algarve

Com a fixação de milhares de estrangeiros no Algarve, por via do fenómeno turístico, ampliou-se de modo considerável a comunidade religiosa anglicana. Há tempos, conforme noticiámos, deslocou-se à província do Sul o bispo de Gibraltar, de cuja diocese anglicana o Algarve faz parte. Este dignatário nomeou capelão o rev. G. Bolton, que reside no Serro Ruivo (Estrada de Alvor), em Portimão.

Os serviços religiosos da igreja anglicana de S. Vicente no Algarve, decorrem nas instalações de algumas unidades hoteleiras.

Emílio Campos Coroa

MEDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Ortópica (ginástica ocular)
Lentes de Contacto
Consultas: Rua de Sto. António, 49-1.º Dto. — FARO

Demora no transporte de mercadorias em tarifa

S. MARCOS DA SERRA — Quando os comboios eram movidos a carvão e a lenha e se dizia que tudo isto necessitava de ser remodelado, recebiam-se normalmente as mercadorias em tarifa, no mesmo dia em que se recobria a senha ou, se não fosse no mesmo dia, era no dia seguinte. Hoje, que tudo é eléctrico, em que há comboios que de Lisboa ao Algarve param em poucas estações, não se compreende a razão por que uma tarifa despachada de Santarém em 9 de Novembro, até ao dia 21, ainda não tenha chegado ao destinatário. Onde está o interesse da C. P. em bem servir o público?

Um tractor provocou a morte de quem o conduzia

Quando preparava para a sementeira umas terras do sr. Joaquim da Soledade, no sítio da Silveira, supondo-se que por manobra mal feita, voltou-se um tractor que provocou a morte do seu condutor, sr. Inácio José Louçã, de 31 anos, solteiro, filho da sr.ª D. Marina Louçã e do sr. Inácio José e natural do sítio de Aguaveilhina, freguesia de S. Marcos. — C.

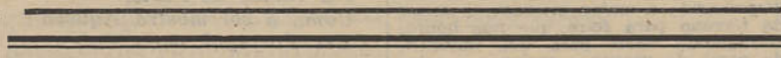
Oferecemos-lhe 1.000 pesetas

para as suas compras de Natal em Madrid, com o programa Multitur avião+3 dias+Hotel Melia Castilla +1000 pesetas de bônus nas Galerías Preciados. (Partidas em 19 e 26 de Novembro, 3, 10 e 17 de Dezembro).

Apenas 2.300\$00
...e a alegria do Fim de Ano nas viagens em luxuosos autocarros, com aquecimento.

Salamanca	4 dias	1700\$00*
Sevilha	4 dias	1550\$00*
Madrid	4 dias	1500\$00*
Badajoz	2 dias	900\$00*
Serra da Estrela	2 dias	550\$00*

* incluem o «Reveillon»
BOA VIAGEM
Avenida Frei Miguel Contreiras, 54-D - Lisboa-5
Tels. 71 71 61/81/91 - 71 42 81/2/3/4



NOVOS - PANORÁMICOS - CENTRAIS
Dominando a praia de Monté Gordo - Vendem-se completamente mobilados 2 andares, s/ mobília um apartamento
Agência Comercial e Turística, Lda.
Em MONTE GORDO - Rua Pedro Álvares Cabral - Telefone 2169
Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - Rua Teófilo Braga, 39 - Telefone 311

ESPAÇO DE TAVIRA

A justiça de uma homenagem

NÃO nos poderdo considerar imodestos, se afirmarmos que algumas vezes tiveram solução adequada, casos que aqui apontamos, ou de que nos fizemos eco. É a verdade, e não o referirmos se não fora o presente caso que nos enche da maior satisfação, pois correspondeu-se aos já numerosos apelos aqui lançados. Trata-se da projectada homenagem pública ao dr. Augusto Carlos Palma, numa das suas últimas reuniões, decidiu pôr em «agenda», para breve resolução.

Para aquele saudoso cidadão, que embora natural de Beja, terá de ser classificado de devotado tavricense, pelo muito que deu a esta terra, de si próprio e daquilo que melhor possuía — a sua saúde e saber — terá chegado a hora da justiça e da compreensão, embora póstuma.

Não sabemos qual a espécie de homenagem que se reserva à memória dessa figura, desinteressada e amiga do seu semelhante e, já que levantámos desde há muito o problema, não queremos deixar de referir o quanto seria agradável e justo que essa recordação ficasse constituída num busto, a instalar em qualquer recanto da cidade, pondo-o assim mais junto de nós.

Havendo boas vontades (que as há, certamente), esse busto poderia vir a ser uma realidade já no próximo aniversário do falecimento do dr. Palma. E há tantos locais em Tavira que se prestariam a albergar o monumento, que, embora simples como o era o médico e o homem, deveria ser digno dele!... Desde o início da Rua D. Marcellino Franco, onde vai ser demolido o edifício da farmácia Félix Franco, até ao ajardinamento lateral do Paço da

Justiça, passando por inúmeros outros sítios novos da cidade, a localização, cremos, não seria problema. Problema será, sim, haver quem se recorde do bem que lhe foi feito e contribua, se tanto for necessário, para uma pequena obra que ateste o agradecimento de humildes ou abastados, dos que durante mais de 30 anos lhe «passaram pelas mãos». Mas Tavira saberá por certo honrar os seus pergaminhos e, se em outras alturas contribuiu e acarinhou iniciativas do género, cuja justiça não fomos em causa, não será desta vez que os seus créditos irão por água abaixo.

Não ficará muito tempo, até ao dia 3 de Julho do próximo ano, data do 7.º aniversário do falecimento do dr. Augusto Carlos Palma, pois a realização que achamos de interesse teria os seus espinhos, demoras e problemas. Nada porém se faz sem trabalho, e com a perspectiva, aberta pelo Município, de patrocinarmos a homenagem, daqui apelamos para que a mesma não caia no esquecimento das entidades e do povo tavricense, que terá por certo o gosto de compartilhar nesse agradecimento.

O «Espaço de Tavira» por intermédio de quem hoje o subscreve, fica à disposição para apoiar o assunto até onde necessário e possível. A isso nos obriga a condição de tavricense agradecido e reconhecedor de tanta dedicação, desinteresse e amor à profissão e ao próximo.

L. H.

MINISTÉRIO da ECONOMIA SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

Gabinete técnico Contabilidade

Executam-se escritas. Grupo A e B.
Rua dos Centenários, n.º 14
— Vila Real de Santo António.

Edital

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP), SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 18 000 litros, sita em Portimão, Rua Cândido dos Reis, freguesia e concelho de Portimão, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 20 de Outubro de 1971.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,
Mário da Silva

RuTon

Qualidade a presença que V. não dispensa

a moderna dona de casa exigente e ocupada não dispensa a presença da QUALIDADE ela sabe que a técnica RuTon criou uma gama completa de completos electrodomésticos para maior conforto e comodidade da mulher e dona de casa dos nossos dias.

garantia de assistência técnica rápida e eficiente

EXPOSIÇÃO E VENDA NOS AGENTES DA COREL EM TODO O PAÍS

RENEEL

«REVESTIMENTOS»
OS NOSSOS MATERIAIS E A SUA IMAGINAÇÃO
— A DECORAÇÃO AO SEU ALCANCE —
LISBOA — PORTO — FUNCHAL

FARO
R. DO ARCEDIAGO, 14
TELEF. 24166

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

I DIVISÃO

Apontamentos de JOAO LEAL

Reinicia-se amanhã o Nacional da Divisão Maior e o Farense vai de abalada até ao Restelo. Para já, recordemos que os Belenenses estão vivendo o eufórico clima da desejada recuperação e aí encontrando os algarvios o primeiro e mais difícil handicap. Não queremos de modo algum minimizar o valor do «conce azul», mas ele, neste instante, precisa demonstrar que tem realmente valor e que a subida se está processando.

E o Farense? Pois a turma da capital sulina, que tão boa impressão futebolística deixou na Madeira, vai por certo jogar para não perder. Toada defensiva, apenas? Duvidamos, pois que os «leões» de Faro sabem jogar à frente e marcar.

II DIVISÃO

Olhanense, o herói da jornada

Isto de violar as balizas do Montijo, ao cabo dos 74 minutos em que se mantinha invulneráveis, tem o seu mérito indiscutível. Conseguiu-o o Olhanense e não apenas uma vez, mas com três magníficos golos. Contrariando todo o favoritismo, o Olhanense não foi apenas buscar um precioso ponto ao Montijo, como tornou esta equipa um guia menos distanciando.

Daqui que todo o mérito vá inteiramente para o onze de Olhão, que pôde e soube até vencer um certo clima de derrotismo que se vinha a arquetar. Haverá por aí quem duvide de que o Olhanense não sabe marcar golos? Perguntem a José Martins, o moço guardião do Montijo, todo ufano na sua condição de guarda-redes inviolável até ao tal 74.º minuto.

Portimonense, avante

Mercê do seu triunfo em Évora, o Portimonense encontra-se agora no 2.º posto e por sinal apenas a dois pontos do adversário de amanhã, o Montijo. Autêntico clima de emoção gera-se desta modo em torno da partida que na cidade da Rocha se vai disputar e que pode operar um «volte-face» no comando classificativo. Na capital alentejana, os pupilos de António Gama voltaram a firmar a sua valia, exibindo um futebol prático e objectivo.

III DIVISÃO

Dos algarvios, ninguém venceu

Não foi ainda desta que a turma da Reina, o Esperança, adreçou registar a primeira vitória. Mas o ponto obtido em Vila Real de Santo António tem o sabor de um triunfo, não só por ser fora de portas, como pela real classe do antagonista.

RESULTADOS DOS JOGOS

II DIVISÃO

Montijo, 3 — Olhanense, 3
L. de Évora, 1 — Portimonense, 3

III DIVISÃO

Lusitano, 2 — Esperança, 2
Silves, 0 — Juventude, 2
Grandolense, 1 — Faro e Benfca, 1

JOGOS PARA AMANHÃ

I DIVISÃO

Belenenses-Farense

II DIVISÃO

Portimonense-Montijo
Olhanense-Nazarenos

III DIVISÃO

Faro e Benfca-Luso
Esperança-Almada
Paio Pires-Lusitano
Beja-Silves

Classificações

II DIVISÃO

1.º Montijo, 12 pontos; 2.º Portimonense e Peniche, 10; 4.º Olhanense, Cova da Piedade, Tramacal e Torres Vedras, 8; 8.º Leiria, Nazarenos e Seixal, 7; 11.º Souselas e Sacavense, 6; 13.º Oriental, Sintrense e Torriense, 4; 16.º Lusitano de Évora, 3 pontos.

III DIVISÃO

1.º Almada, 13 pontos; 2.º Juventude, 12; 3.º Estoril, 11; 4.º Paio Pires, 9; 5.º Lusitano, 8; 6.º União Sport e Vasco da Gama, 7; 8.º Faro e Benfca Amora e Beja, 6; 11.º Silves, Luso e Motense, 5; 14.º Grandolense e Serpa, 4; 16.º Esperança, 3 pontos.

N.º 151 JORNAL DO ALGARVE 27-11-71

ROGAMBOLE

(Continuação)

CONFIDENCIAS

Parecia todavia, que uma suspeita qualquer deveria impressionar o espírito da menina de Balder, e fazê-la pensar que outro homem, que não o sr. de Kergaz, era o deus ex-máquina daquele drama extraordinário em que ela tinha o papel principal. Mas Joana amava Armando, e para aqueles que amam, todo e qualquer acontecimento parece ter por ponto de partida, o objecto amado. Além disso, por mais excêntrica que fosse a sua conduta, como poderia ela não acreditar que o autor daquelas duas cartas e o sr. de Kergaz eram a mesma pessoa, quando ainda na véspera ouvira esse último pronunciar em voz baixa ao ouvido de Bastien as palavras «negócio maldito» aludindo ao duelo do dia seguinte?

Tudo isto parecia tão natural que Joana não duvidou um só instante, e contentou-se em abandonar o espírito às mais bizarras conjecturas, sem suspeitar da não identidade de Armando com aquele que lhe escrevia. Depois, pensando que da sua discrição dependia talvez a vida de Armando, prometeu a si mesma não procurar sondar todos aqueles mistérios e contentou-se com examinar atentamente o lugar em que se achava. Já o dissemos, nada havia tão elegante como esse quarto de dormir que parecia ter sido decorado por uma fada. Não seria talvez próprio para uma duquesa do faubourg Saint-Germain, mas não era também a estância dessas loucas criaturas do mundo da galanteria, que o ouro das finanças vai buscar aos bastidores dos teatros para lhes construir palácios. Dir-se-ia o gabinete de uma dessas mulheres que o talento tornou independentes dando-lhes o coração e as aspirações ele-

CICLISMO

Américo Lentes (Ginásio de Tavira), campeão nacional de velocidade em populares

Na pista do Estádio José de Alvalade, disputaram-se os Campeonatos Nacionais de Pista, em todas as categorias. De realçar a vitória do moço algarvio Américo Lentes, do Ginásio de Tavira, que conquistou com todo o mérito o título de campeão nacional de velocidade em populares. Um título significativo para um jovem em quem se depositam fundadas esperanças e que premeia todo o esforço que o Ginásio de Tavira tem realizado em prol da velocidade nacional.

Digna de referência também a presença de António Graça que disputou a final de profissionais (velocidade) ficando apenas a dois segundos do campeão, o sportinguista Leonel Miranda.

PESCA DESPORTIVA

Prova António da Silva Guerreiro

Organizada pelo Clube dos Amadores de Pesca de Olhão, disputou-se a 3.ª edição da prova António da Silva Guerreiro, no molhe leste da barra do porto comum de Faro-Olhão.

Nos primeiros lugares, classificaram-se: José Ramos Pires, com 8 040 pontos; João Martins Galvota, com 6 180 e Laurino Soares, com 5 935 pontos.

Desta modo, o troféu continua em disputa, pois será entregue a quem vencer a prova dois anos seguidos ou três alternados. Anteriormente venceram Amabélio Pereira e João Galvota. Metade do peixe capturado foi oferecido à Misericórdia de Olhão.

TENIS DE MESA

Amanhã, no ginásio do Liceu de Faro, teremos a final do Torneio de Abertura de tênis de mesa, para atletas não federados.

Na Associação de Tênis de Mesa de Faro estão abertas até 6 do próximo mês, as inscrições para os campeonatos disputados por equipas em seniores, juniores e infantis.

CERTIDAO

Cartório Notarial de Albufeira

A CARGO DO NOTÁRIO LIC. ADOLFO ARMANDO JORGE BATALHA

Certifico, narrativamente, para efeito de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de folhas 20 verso a folhas 22 verso, do livro de notas respectivo N.º A-35, deste cartório, foi aumentado o capital social da «Cerro Grande — Investimentos Turísticos e Imobiliários, sociedade anónima de responsabilidade limitada», com sede no Cerro da Piedade, freguesia e concelho de Albufeira, e alterada consequentemente a redacção do artigo 5.º, do pacto social.

«ARTIGO 5.º — o capital social é de dez milhões de escudos em dinheiro, dividido em mil acções de dez mil escudos cada uma e está integralmente subscrito e realizado».

Está conforme ao original.

Cartório Notarial de Albufeira, vinte de Novembro de mil novecentos e setenta e um.

O Notário,

Adolfo Armando Jorge Batalha

Humberto Gomes

BASQUETEBOLE

COMEÇARAM OS DISTRIITAIS

TRIUNFO CONCLUINTE DO OLHANENSE SOBRE UM FARENSE IRRECONHECIVEL

SENIORES

OLHANENSE, 62 — FARENSE, 37

Alinharam e marcaram: Olhanense — Alvaro (11), Relvas (7), Pedro (4), Tomé (20), Encarnação (6), Sancho (4) e Vasconcelos.

Farense — Vieira, Santos (6), Emanuel (4), Inácio, Silva (5), Passos (18), Vinhas, Fontainhas (2) e Seromenho (2).

Ao intervalo: 32-11 (!)

Árbitros: João Mendes e Guilherme Loulé.

O derby Olhanense-Farense, não correspondeu expectativa. O cinco de Olhão manobrou praticamente como quis, e foi vencedor fácil e incontestado sobre um Farense apático e descrente que constituiu autêntica decepção para quantos se deslocaram ao mal iluminado Parque Cristóvão Viegas.

Contra o que se esperava, o cinco utilizou de princípio a fim o mesmo sistema de jogo inconsequente e de produtividade débil. Na defesa, optou sempre por uma defesa zonal não agressiva, que se revelou muito permeável.

Só tardiamente, quando já não havia hipótese, saiu um elemento da zona para marcar individualmente o jovem e influente Tomé, perigoso na ordenação do ataque planeado e um meia-distância nato. Contra-ataque não existiu nesta equipa irreconhecível.

No ataque, o cinco de Faro nunca se encontrou. Serôsamente atacantes, não bem escalonada e agressiva zona de Olhanense, com Alvaro dono e senhor da sua tabela, foram por demais evidentes as tentativas infrutíferas de penetração em rasgos individuais, com prejuízo da sempre necessária manobra de conjunto.

Em síntese, um jogo para o cinco de Faro esquecer. Ou talvez não. Talvez antes um jogo para recordar e rever processos.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

Bridge e canasta em Portimão

Tiveram êxito a IV Semana Internacional de Bridge e o I Campeonato Internacional de Canasta, realizados de 5 a 13 deste mês no Algarve, nos hotéis Alvor Praia e do Golfe da Penina. A direcção esteve a cargo do dr. Inácio Rebelo de Andrade, coadjuvado por um lote de colaboradores, rodeando-se sempre de um clima de interesse e entusiasmo.

Em bridge, uma equipa portuguesa constituída por Isabel Wolfgensperger e dr. José Mendonça da Cruz, alcançou a vitória no torneio de pares mistos, seguida pelo casal Higginson da Grã Bretanha e por Rita Jacobsen da África do Sul e Patricia Colter, também da Grã-Bretanha. Logo a seguir, no torneio Open, o triunfo voltou a pertencer aos portugueses Carlos Spínola Teixeira e José António Debonnaire, classificando-se em segundo lugar Jorge Monteiro dos Santos e J. Moura, também portugueses. Na canasta, classificaram-se em primeiro lugar Madalena Rodolfo e Fernanda Melo e o segundo lugar ficou a pertencer a Maria da Conceição Nogueira e Heloisa Moreira. Na terceira posição, colocaram-se Laura Luminas e Dolores S. Miguel. Em equipas de 4 o terceiro e último torneio da IV Semana Internacional de Bridge pertenceu as atenções até ao derradeiro instante, acabando por vencer uma equipa italiana constituída por Manca, Polli, Telesforo, Romano Grizza, D'Ababbo. Em segundo e terceiro lugares ficaram duas equipas portuguesas, formadas respectivamente por Maria Luísa Soromenho, M. Lucas de Sousa, M. H. de Melo, Rui Moraes, N. Guimarães e Carlos Debonnaire, Spínola Teixeira, dr. Francisco Calheiros e J. Debonnaire.

No ataque, o cinco de Faro nunca se encontrou. Serôsamente atacantes, não bem escalonada e agressiva zona de Olhanense, com Alvaro dono e senhor da sua tabela, foram por demais evidentes as tentativas infrutíferas de penetração em rasgos individuais, com prejuízo da sempre necessária manobra de conjunto.

Em síntese, um jogo para o cinco de Faro esquecer. Ou talvez não. Talvez antes um jogo para recordar e rever processos.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Ensaiou e concretizou alguns contra-ataques de belo efeito, só possíveis no entanto, devido à medíocre meia-distância e aos já referidos rasgos individuais do adversário, os quais impediram, como se impunha, uma recuperação defensiva adequada.

No ataque planeado, o Olhanense nem sempre actuou com a lucidez que parecia efectivamente estar ao seu alcance. Utilizou um 3-2 pouco versátil e viveu muito à base de dois elementos, o que poderá não resultar contra outro sistema defensivo. Foram eles o pequeno Tomé e o longilíneo Alvaro. Contudo, foi dando para as necessidades, na ausência dum Farense muito distante de si mesmo.

Uma referência individual ainda a assinalar no Olhanense: o esquadriño Pedro com bom sentido posicional.

A arbitragem agradou-nos. Uma ou outra desatenção, um ou outro erro no capítulo técnico, concretamente no assinalar dos passos, não emborrou o trabalho da dupla, onde o estreante Guilherme Loulé revelou boas qualidades.

O Olhanense esteve relativamente bem. Para início de época agradou-nos muito o seu jogo sólido e gostámos mais da sua manobra defensiva que confundiu e desarticulou o antagonista, já de si pouco articulado.

Sem Dizer AVONDE

Um livro notável... é assim que é recebido pela Imprensa o que não passa de uma pepineira, o que não passa de mero interesse sectorial.

A Imprensa tem medo de dizer que nem sequer os que redigiram a nota louvaminhas leram esse livro notável.

É obrigatório dizer: um livro notável... por uma questão de relações públicas.

É obrigatório «agradar» a um grupo de indivíduos que detêm, que detêm o quê? Afinal, nada. O que é que eles detêm?

E anda a nossa Imprensa a matar à nascença o tão desejado «movimento editorial algarvio» louvando pepineiras, discursos em separata sem o mínimo valor. Dizendo: um livro notável de um coração que se fez algarvio.

Ma que jêto? andem a gozar cá ca gente ou quê?

Quando acabará o gozo?

Quando acabará o gozo das elites delirantes?

C. A.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

CARTAS à Redacção

Porque não uma Rua dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António?

Sr. director,

Leitor assíduo e assinante do conceituado jornal que V. mui dignamente dirige, apreço com muita atenção o que se diz no n.º 768, de 30 de Outubro p. p. em «Brisas do Guadiana», sobre «Problemas de topografia em Vila Real de Santo António».

Ao ler aquelas justíssimas observações, ocorreu-me mostrar a V. e no seu apreciabilíssimo periódico, a indicação de uma homenagem a uns dedicados homens, que à vila e seu concelho têm prestado, durante dezenas de anos, valiosos e relevantes serviços.

Porque não uma homenagem aos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, colocando o nome da instituição numa placa de uma rua desta linda vila?

Não poderia ser a Rua dos Centenários, cuja designação, segundo parece, não tem grande valor para esta terra, rua que corre ao lado do seu quartel-sede?

Al fica uma sugestão de um amigo da Vila Real de Santo António e dos Bombeiros de Portugal.

Termino, agradecendo a publicação do que certamente terá a vossa adesão, e apresentando os meus respeitosos cumprimentos.

De V. etc.

Lúcio Pereira

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

FOI INAUGURADA A SECÇÃO DE TAVIRA DO LICEU NACIONAL DE FARO

EMBORA já funcionando desde 2 deste mês, procedeu-se na segunda-feira à inauguração da Secção Liceal de Tavira cujo despacho de criação data de Julho deste ano e era de há muito aspiração de vulto na mente dos tavienses. Conforme foi noticiado, tal despacho conferia ao Município a responsabilidade das instalações, no que respeita a edifício, mobiliário e material didáctico, tendo esse encargo sido encarado de tal modo a sério, que se conseguiu ver a funcionar o novo estabelecimento, apenas com um mês de atraso relativamente à habitual abertura das aulas.

Deste modo, a cidade de Tavira viu concretizado um natural anseio, o que plenamente justifica o carinho e interesse da população à volta da simples mas significativa cerimónia.

Presidiu ao acto o dr. Manuel Esquivel, governador civil do Distrito, que à entrada do edifício e perante a formatura dos alunos nas suas alvas batas, procedeu ao descerramento da lápide. Sob a sua presidência, a mesa para a sessão solene, que decorreu no ginásio da Secção Liceal, foi constituída pelos srs. eng. agrónomo Luís Távora, presidente da Câmara Municipal; dr. Joaquim Magalhães, reitor do

Liceu de Faro; dr. Francisco de Brito Lima, vice-reitor da nova Secção, e dr. Gamboa Leitão.

Iniciando os discursos, o presidente do Município taviense historiou um pouco do que tinha sido feito em relação ao pedido e intervenção da Câmara neste melhoramento, iniciativa do anterior presidente, em 1969, que teve seguimento no seu actual mandato e com o apoio do chefe do distrito. O dr. Martiniano Santos, em representação dos encarregados de educação, usou a seguir da palavra, congratulando-se pelo que estava a ser feito, pelo benefício para Tavira constituído pelo melhoramento, e pedindo, no final, um «víva» ao ministro da Educação Nacional. O dr. Joaquim Magalhães, deixou implícita a promessa de apoio por si ofertado e pelo Liceu que dirige, deixando na assistência a expressão de amizade por Tavira, pela Secção Liceal e pelos seus futuros problemas e preconizando uma ampliação que certamente Tavira justificará.

A acção no campo do Ensino e o dinamismo do actual ministro da Educação, prof. Veiga Simão, foram postos em relevo pelo governador civil, nas palavras com que encerrou a sessão. Afirmou que no Algarve estavam previstas realizações de vulto, no sector da Educação e que muito mais seria solicitado ao Governo central.

As instalações foram depois demoradamente percorridas pelas entidades presentes e por todos quantos quiseram conhecer interiormente o novo estabelecimento, a servir uma população escolar mista que muito se aproxima dos duzentos alunos.

L. H.

Mais ingleses passam a lua de mel no Algarve

ALGARVE está na moda, não só como zona de turismo mas como local eleito para os jovens casais ingleses passarem a lua de mel. Desde algum tempo que várias agências desenvolvem esta campanha na Grã-Bretanha e o «slogan», «passe a lua de mel no Algarve», está bastante popularizado.

Encontra-se agora na nossa Província a jornalista Joyce Robins, editora da revista «Woman bride and home», publicação que entre as suas leitoras está também intensificando o referido «slogan».

As manifestações em Londonderry (Irlanda do Norte) têm atingido aspectos de grande violência, como a gravura documenta. Uma fábrica em chamas é observada de longe por dezenas de manifestantes, enquanto os bombeiros começam a atacar o incêndio.

BRISAS do GUADIANA

Está mais próxima a construção de um pavilhão gimnodesportivo em Vila Real de Santo António

O Clube Náutico do Guadiana, realizou-se na penúltima quinta-feira, uma assembleia geral extraordinária, para apreciação de assunto do maior interesse, não só para o clube como para Vila Real de Santo António.

Presidiu o dr. José Colaço Fernandes e após breve intróito do presidente da direcção, sr. José Ramos Iria, usou da palavra o também membro da direcção e orientador das classes de ginástica, João Setúbal, que fez sucinta análise do que tem sido a luta do Náutico por um ginásio-sede, das condições extremamente precárias em que se tem podido desenvolver actividade e das duas opções que ao clube agora se apresentavam: construir, a expensas suas, o ginásio, para o que, contando com os subsídios oficiais prometidos, se teria de conseguir verba aproximada a 900 contos, ou aceitar um alvitre da Câmara Municipal vila-realense, pelo qual seria o Município a fazer a construção, chamando a si aqueles subsídios e ficando o ginásio a ser propriedade sua, embora ao Náutico fosse confiada a respectiva orientação e administração.

Pôs em relevo o inextinguível carinho dedicado aos problemas do Náutico pelo presidente da Câmara, dr. António Manuel Capa Horta Correia e afirmou que uma vez concluído, o novo ginásio ficaria ao dispor não só da população, para quantos quisessem praticar ginástica nas aulas do clube, sem obrigatoriedade de pagamento de quota, como das outras colectividades locais que dele carecessem.

A assembleia aprovou por unanimidade que a construção do ginásio fosse feita pela Câmara, e por aclamação uma proposta do sócio sr. Lúcio Alves, para que ao presidente da edilidade se solicitasse que ao imóvel fosse dado o nome de Pavilhão Municipal Clube Náutico do Guadiana, considerando a útil actividade desde há muitos anos desenvolvida pelo Náutico no campo da ginástica e do desporto e a projecção que através dessa actividade tem alcançado para Vila Real de Santo António.

Foram lidas duas cartas dirigidas à direcção do Náutico e relacionadas com o importante assunto, sendo uma do Município vila-realense e outra da Direcção Geral de Urbanização.

O novo Pavilhão Municipal, será semelhante aos construídos pelo Fundo de Fomento Desportivo, com as alterações achadas necessárias para um maior conforto na prática da ginástica, a que especialmente se destina.

No interior, a sala principal terá a dimensão de 42x19 m² e uma adaptação prevista para ser utilizada para sala de convívio; vestiários e chuveiros para rapazes e raparigas, com novo sistema de aquecimento de água; sala da direcção, sala de professores, gabinete do médico, um pequeno bar, galeria para o público e há a hipótese de, se a cobertura ficar com asas de ferro, vir a ser-lhe posto um forro, para tornar a sala menos fria.

MERITÓRIA CAMPANHA EM PROL DE UMA INFORTUNADA JOVEM VILA-RELENSE

Antiga aluna da Escola Técnica de Vila Real de Santo António, a Maria Laura (23 anos simpáticos, optimistas e

te, pois que os inquilinos de hoje, infelizmente, pagam bem para a caiação anual das casas que habitam.

J. Santos Stockler

sonhadores) adoeceu gravemente, de tal modo que houve que levá-la para o Hospital do Rego, onde há meses se encontra internada.

Os pais são gente modesta e sem recursos, nada podendo fazer para ajudá-la, ou promover tratamento mais dispendioso que o normal, com vista a uma desejada recuperação. Souberam disto algumas amigas e colegas de estudos da Maria Laura (a Raquel Fernandes, Cremilde Ferreira, Graciete Fernandes, Ana Luísa Barão e Teresa Correia) que decidiram constituir-se em comissão e angariar donativos que permitissem auxiliar os pais da doente e a própria doente, no que se impusesse como necessário.

O seu gesto caiu bem entre a população vila-realense, que de pronto colaborou (muitos embora lutando também com dificuldades provocadas pela grave crise que se atravessa), registando-se ofertas não só das pessoas para o efeito procuradas, como de outras que às jovens comissionadas se dirigiram, mal tiveram conhecimento dos seus propósitos. Obteve-se assim cerca de 16 contos, e mais cerca de dois contos numa jornada desportiva (que serviu de apresentação das equipas de juniores e juvenis do Lusitano) organizada com o mesmo objectivo altruísta, verba que servirá para minorar, no possível, as dificuldades e problemas da Maria Laura e de seus pais.

Podem-nos estes que nos fazemos eco do seu reconhecimento por quantos colaboraram na campanha em boa hora empreendida, e muito especialmente para as amigas da infortunada Laura, que não hesitaram em prejudicar os seus afazeres para lançar-se na tarefa meritória de auxiliar a antiga companheira.

FALHAS NA DISTRIBUIÇÃO DO LEITE EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Nos últimos dias têm-se registado falhas na distribuição do leite nesta vila. Os empregados distribuidores são forçados a racionarem o produto, ficando mesmo assim muita gente sem ser servida.

Na leitaria da Cooperativa, que funciona numa das dependências do mercado da verdura, também e contra o que era usual, têm-se registado bichas, especialmente compostas por miúdos que necessitam do leite para as crianças e doentes e muitas das quais são forçadas a regressar às suas casas sem ser atendidas.

S. P.

Vale sempre a pena preferir a lotaria com a marca da **CASA DA SORTE** que vendeu a semana finda aos seus balcões **A SORTE GRANDE E O TERCEIRO PRÉMIO**
1.º PRÉMIO - 42 012 - 4200 CONTOS
3.º PRÉMIO - 27 472 - 240 CONTOS

TRIBUNA LIVRE PORQUÊ TANTA SUJIDADE?

INTERROGAVA João Leal e com toda a razão na sua «Crónica de Faro» publicada no *Jornal do Algarve* de 13 do corrente: «Rua alugada?».

Referia-se o cronista, ao amontoado de lenha que permanentemente se encontra, desde há anos, junto ao passeio de uma empresa de moagens existente na Rua Miguel Bombarda, na cidade de Faro, fazendo dali seu armazém diário, sem que até então a coisa tivesse merecido a atenção de qualquer fiscal do Município farense.

Realmente, pelo local e volume dessa lenha, parece estranho que a coisa não merecesse um simples reparo de quem de direito, pois que o espaço ocupado dá bem nas vistas, mesmo de longe que se olhe. Mas não se fica por aqui, infelizmente, pois encontramos, a cada

momento, passeios da cidade apinhados de pedras, poeiras e lixo, e alguns deles, principalmente o da Rua Brito Cabreira, que fica paralela à Rua Gonçalo Barreto, onde existem duas residenciais, desde há meses permanecem de «cara suja».

O Largo Silva Porto, em frente da Residência Marim, parece mais um espaldão, do que um largo por onde passam centenas de turistas e onde amiúde estacionam dezenas de automóveis.

Não faz sentido, realmente, que enquanto algumas Comissões de Turismo se preocupam com a limpeza das suas cidades, vilas ou aldeias, o que é de aplaudir, por higiénico e saudável, haja edilidades que parecem caprichar em que as suas terras não tenham a limpeza que merecem, quando são os portões principais do Algarve.

Porquê, então, tal paradoxo?! Por falta de pessoal no sector de limpeza das Câmaras? Por estas pagarem pior ao pessoal do que outras entidades? Ou por falta de verba para os Municípios levarem a cabo os trabalhos a que metem ombros? Quanto a nós, que desconhecemos o funcionamento da orgânica camarária, parece-nos que será um pouco pelas três razões apontadas, pois só assim se compreende que haja tantas pedras, poeira e lixo em pleno coração de cidades e vilas.

Em relação a Faro, isto contradiz a ética da edilidade e os desejos da população, assim como a vontade da Comissão Regional de Turismo, a quem compete, também, olhar um pouco mais pela limpeza da cidade, já que os proventos advindos através do canal turístico dão sobejamente, cremos, para manter um fiscal, que actue em conjunto com o fiscal do Município, a fim de que a cidade passe a andar mais limpa.

Quando à caiação de certos prédios, voltaremos aqui próximamente.

«À escola e a árvore»

Sr. director,

Publicou o jornal da mui digna direcção de V. no seu número 768, de 30-X-971, assinado pelo vosso distinto colaborador João Leal, uma nota de incentivo ao amor pela árvore, com o título «À Escola e a Árvore».

Sobra tal assunto e a título meramente informativo, aprez-me, pessoalmente, dar a saber a V. com o pedido de transmissão ao autor dessa nota, que a Direcção de Estradas de Faro, continua fortemente interessada, no prosseguimento da «Campanha de Arborizações dos recintos anexos às Escolas Primárias do Distrito, iniciada em 1965, pelo então governador civil dr. Romão Duarte».

E na prova de tal, está o facto de, por grato encargo do sr. engenheiro-director de Estradas, e em continuação do que lhe tem sido cometido nos anos anteriores, ter esta Secção, em 25 do passado mês de Outubro, oficiado à Direcção Escolar do Distrito, no sentido de lhe serem indicadas, quais as carências em plantas, que as várias escolas têm, para se procurar fornecedoras, dentro das possibilidades dos nossos viveiros.

Apresentando a V. os meus melhores cumprimentos, subscrevo-me com elevada consideração,

A bem da Nação,

O chefe de Conservação,

Alexandre Almeida Matias

FRIMÓVEL
CONDICIONAMENTO DE AR

....E TAMBÉM

Hotel do Garbe

Armação de Pêra

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR



Distribuidor para todo o Algarve
«ESTANTARTE»
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
Rua Abóim Ansonado, 84
Telf. 24787 FARO

MÁQUINAS PINHEIRO



A MAIOR FÁBRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA
Filiais
Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

SERVICO DE SOCORROS PERMANENTE



2
202
2

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO